



UC/FPCE\_2014

Universidade de Coimbra  
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**Que Representações Sociais da Violência entre  
Parceiros Íntimos têm os estudantes de Enfermagem,  
Medicina e Serviço Social? O papel da formação.**

Cristiana Barcelos Costa (e-mail: [crisbcosta91@gmail.com](mailto:crisbcosta91@gmail.com))

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, subespecialização em  
Sistémica, Saúde e Família, sob a orientação da Professora Doutora  
Maria Madalena Santos Torres Veiga de Carvalho



**Que Representações Sociais da Violência entre Parceiros Íntimos têm os estudantes de Enfermagem, Medicina e Serviço Social? O papel da formação.**

**Resumo:** Os objetivos centrais do estudo aqui apresentado são conhecer as representações sociais da violência entre parceiros íntimos (VPI) e a prevalência e cronicidade de condutas violentas nas relações em estudantes do ensino superior, mais concretamente das áreas de enfermagem, medicina e serviço social. É também explorada a relação entre essas variáveis e a influência da formação e da história de violência familiar nas mesmas.

A amostra é constituída por 313 sujeitos, sendo 19.8% estudantes de enfermagem, 25.2% de medicina e 55% de serviço social. Os resultados refletem uma baixa legitimação da violência entre parceiros íntimos, com os estudantes de serviço social a legitimarem mais que os restantes. Relativamente às relações íntimas dos sujeitos da amostra, verificou-se que são pautadas por valores preocupantes de violência, ainda que maioritariamente relativos a atos de pequena violência. As diferenças entre o primeiro e o terceiro ano do curso não se mostraram significativas. A formação em violência entre parceiros íntimos revelou ter influência nas representações sociais da mesma temática. Os sujeitos que assistiram a violência física entre os pais/cuidadores com pouca frequência mostraram uma maior legitimação destas situações do que aqueles que nunca assistiram às mesmas ou que assistiram frequentemente.

Dos resultados obtidos transparece a necessidade de se desenvolverem iniciativas de intervenção precoce junto de indivíduos jovens de forma a contribuir para erradicar nestes falsas crenças culturais que legitimam e/ou banalizam a violência, ao mesmo tempo que se aumenta a consciencialização sobre esta problemática.

**Palavras-chave:** violência entre parceiros íntimos, representações sociais, formação.

**Which social representations of violence between intimate partners have nursing, medicine and social work students? The training role.**

**Abstract:** the main goals of the study here reported are to know the social representations of the violence between intimate partners and the prevalence and chronicity of the violent conducts in the college students' relationships, concretely students in the nursing, medicine and social work areas. The relation between these variables and the influence of training and the influence of the previous history of family violence in them are also explored.

The sample is composed of 313 subjects, being 19.8% students of

nursing, 25.2 % of medicine and 55% of social work. The results reflect a low legitimization of the violence between intimate partners, with the social work students legitimating more than the rest of the students.

About the intimate relationships of the students in the sample, we found that they are grounded in preoccupying values of violence, although they are mainly acts of small violence. The differences between the first and the third year of the course are not significant. Receiving training on violence between intimate partners turned out to have an influence on the social representations of that issue. The subjects that testified physical aggressions between their parents/caregivers with low frequency showed a bigger legitimization of this kind of situations than the ones that never testified or did it frequently.

The results show that it is necessary to develop early prevention initiatives with the young people and, in that way, contribute to eradicate false cultural beliefs that legitimise and/or banalize the violence and at the same time make the conscience of the gravity of this problem grow.

**Key Words:** violence between intimate partners, social representations, training.

## Agradecimentos

“Sozinho vou depressa, juntos vamos longe.” Provérbio Africano

A conclusão deste projeto significa o alcance de uma meta e a concretização de um sonho. Foi um longo percurso que tive a sorte de percorrer acompanhada de pessoas maravilhosas, às quais não podia deixar de agradecer.

Aos meus pais agradeço pelos valores da perseverança e determinação que me inculcaram, pois sem eles não teria sido possível chegar aqui. Por todos os sacrifícios, por acreditarem em mim. A vitória é de nós os três.

Ao Flávio agradeço ter feito do meu sonho, o nosso sonho. Pelo apoio incondicional, por me fazer sempre rir, por ser tão presente. Por mais um ano em que me saiu “a sorte grande”.

Aos meus padrinhos agradeço em poucas linhas por tudo aquilo que daria uma tese de agradecimentos. O que não cabe aqui, vai escrito no coração. Ser-vos-ei eternamente grata por tudo o que significou para mim a casinha da Beiroa ao longo destes anos.

Aos “Meninos da Madalena” quero agradecer a partilha, não só de informações como também de angústias e conquistas. À Maria deixo o obrigado mais e muito especial pela companhia e pela ajuda, sem a qual não teria conseguido lidar com o “Papão da Estatística”. Foi um gosto conhecer-te e espero que o futuro te seja muito risonho.

À Professora Doutora Madalena de Carvalho tenho a agradecer a orientação e o apoio que estimularam a minha produtividade e o meu empenho e que permitiram que este produto final fosse possível.

À Professora Doutora Isabel Alberto fica um enorme obrigado pela simpatia, disponibilidade e ajuda imprescindível que me prestou e sem a qual a concretização deste projeto não seria possível.

A todos os alunos que se voluntariaram para preencher o protocolo agradeço a imprescindível colaboração para a concretização desta investigação.

À Carolina, à Filipa B., à Filipa O., à Flávia I., à Jessica, à Liliana, à Rita e à Sara deixo um grande obrigado por se terem mantido presentes e atentas. Pela amizade que criámos e que nos fez viver Coimbra de uma forma tão especial. É uma sorte ter-vos para a vida! Flávia F. e Sandra, a nossa amizade é mais recente mas não posso deixar de vos referir. Obrigada por tudo o que partilhámos nestes últimos dois anos.

À Ângela, ao Mário, ao Patrício, ao Paulão e ao Paulinho agradeço por em momento algum me ter sentido longe de vocês. Pela presença que não falhou nos momentos mais importantes, por me ajudarem a carregar baterias e por torcerem sempre por mim.

À família e amigos em geral, por todo o apoio, incentivo e carinho.

**A todos, um sentido Obrigado!**

## Índice

Introdução .....	1
I – Enquadramento conceptual.....	2
1.1 Violência entre Parceiros Íntimos .....	2
1.2 Representações Sociais, A Influência das Crenças e da Formação 4	
1.3 A Violência entre Parceiros Íntimos e o Papel dos Profissionais... 5	
1.4 A Violência entre Parceiros Íntimos e os Estudantes Universitários	
Portugueses.....	7
II - Objetivos .....	8
III – Metodologia .....	9
3.1 Descrição da Amostra .....	9
3.2 Instrumentos de Avaliação.....	12
3.2.1 Questionário Sócio-Demográfico.....	13
3.2.2 Escala de Violência nas Relações Íntimas (The Revised Conflict Tactic Scales – CTS 2).....	13
3.2.3 Questionário de Violência Conjugal – Histórias (QRVC – HIS).....	14
3.2.4 Questionário de Violência Conjugal - Causas, Manutenção e Resolução (QVC-CMR).....	14
3.3 Procedimentos de Investigação .....	15
3.4 Procedimentos Estatísticos.....	15
IV - Resultados.....	16
4.1 Violência entre Parceiros Íntimos (CTS-2).....	16
4.2 Representações Sociais da Violência Conjugal (QRVC-HIS e QVC-CMR).....	18
4.3 Relação entre a Violência nas Relações Íntimas (CTS-2) e a Legitimação da mesma.....	24
4.4 Impacto da Área de Estudo e da História de Violência Familiar nas Representações Sociais da Violência entre Parceiros Íntimos .....	25
4.4.1 Influência da área de estudo.....	25
4.4.2 Influência da história familiar de violência.....	25
V – Discussão.....	26
5.1 Violência entre Parceiros Íntimos (CTS-2).....	26
5.2 Representações Sociais da Violência Conjugal (QRVC-HIS e QVC-CMR).....	28
5.3 Relação entre a Violência nas Relações Íntimas (CTS-2) e a Legitimação da mesma.....	32
5.4 Impacto da Área de Estudo e da História de Violência Familiar nas Representações Sociais da Violência entre Parceiros Íntimos .....	33
VI – Conclusões .....	34
6.1 Limitações do Estudo e Investigações Futuras .....	35
Bibliografia .....	36
Anexos.....	40

## Introdução

A natureza relacional do ser humano leva-o a estabelecer laços afetuosos com os outros. Porém, esses relacionamentos nem sempre são cordiais: o conflito, por vezes, assume-se como componente perturbadora, e a violência surge, então, como uma estratégia que permite a expressão dos sentimentos inerentes a esse mesmo conflito (Oliveira & Sani, 2005). Essa estratégia torna-se numa das maiores contradições da natureza humana quando leva a que abusos sejam cometidos nas relações amorosas (Arriaga & Stuart, 1999 citado em Oliveira & Sani, 2005).

Este tipo de violência, por muito tempo ignorado, começou a obter cada vez mais atenção social e científica a nível internacional a partir dos anos 60, recaindo nessa altura sobre a violência exercida contra as mulheres nas relações conjugais (Machado, Matos & Moreira, 2003).

Apesar de ao longo dos anos este movimento ter adquirido uma crescente visibilidade, importa agora que a atenção dada seja mais abrangente, contemplando não só a violência contra as mulheres mas também a violência contra os homens, violência nas relações homossexuais e nas relações de namoro (Machado et al., 2003).

Pelos estudos feitos, quer na população adulta, quer na população juvenil, a par de uma atitude geral de reprovação da violência, surgem crenças específicas que diminuem essa reprovação e legitimam as condutas abusivas (Caridade & Machado, 2006).

Matos e Cláudio (2010) constataram que quanto maior era o grau de instrução dos sujeitos, menores eram as suas crenças de legitimação da violência nas relações íntimas, sendo que aqueles que possuíam habilitações académicas obtinham sempre os valores mais baixos de legitimação.

O raciocínio usado na presente investigação foi semelhante ao usado por Matos e Cláudio (2010): se por um lado sabemos que as crenças e atitudes influenciam o comportamento dos indivíduos, e sabemos também que certas profissões desempenham papéis fundamentais na forma como a sociedade lida com a violência conjugal (neste caso aquelas que prestam assistência às vítimas), então fará todo o sentido, e será cientificamente relevante, estudar as crenças dos estudantes que poderão no futuro exercer essas profissões, tentando ao mesmo tempo compreender se a formação base do curso e possíveis formações extra, que estes alunos possam ter acerca da temática da violência entre parceiros íntimos, terão influência nas representações sociais que têm acerca desta temática.

## I – Enquadramento conceptual

### 1.1 Violência entre Parceiros Íntimos

Teoricamente, considera-se que existe violência sempre que se utiliza, de forma intencional, força, coação, intimidação ou outra ação que lese a integridade, os direitos e/ou as necessidades de uma terceira pessoa (Manita, Ribeiro, & Peixoto, 2009).

Uma das formas de caracterizar a violência é segundo o alvo da mesma, sendo que a abordada ao longo desta dissertação será a violência entre parceiros íntimos (VPI). Podendo também ser chamada de violência nas relações de intimidade ou de violência nas relações amorosas, esta noção surgiu da necessidade de existir uma caracterização mais abrangente do que a de violência doméstica e a de violência conjugal. Enquanto estas se referem ao agregado familiar e ao cônjuge/ex-cônjuge, respetivamente, a definição de violência entre parceiros íntimos diz respeito, como o nome indica, a qualquer tipo de relacionamento íntimo, seja ele hetero ou homossexual, entre parceiros casados, em união de facto ou namorados. Em comum a estes alvos de violência está o facto de serem sujeitos a comportamentos agressivos, continuados e/ou coercivos por parte do agressor, de uma maneira direta ou indireta, acabando por sofrer de danos que poderão ser físicos, sexuais, emocionais e psicológicos. A violência nas relações íntimas, doméstica ou conjugal, pode ainda envolver a imposição de isolamento social e a privação económica da vítima (Manita et al., 2009). Na verdade, muitas vezes a agressão física é combinada com o abuso psicológico e sexual (Anacleto, Njaine, Longo, Boing, & Peres, 2009).

Segundo a Organização Mundial de Saúde (2012), os fatores de risco da violência entre parceiros íntimos incluem baixo rendimento económico, idade jovem, diferenças de género, baixo sucesso académico, envolvimento em comportamentos agressivos e delinquentes na adolescência, historial de violência na família de origem, fatores culturais e determinadas características de personalidade. Ao nível familiar, mais concretamente, Gelles e Straus (1988, citados em Ávila, 2013) apontam para a existência de outros fatores de risco para a violência, que poderão ser encontrados em três diferentes dimensões da vida familiar: na organização da família em geral, nas características particulares das famílias e nos padrões temporais e espaciais da violência na intimidade, isto é, quando e onde é mais provável que ocorra.

A presença deste tipo de agressões na vida de alguém tem um grande impacto na sua saúde e na sua qualidade de vida. Estas vítimas apresentam uma maior prevalência de problemas como dor crónica, *stress* pós-traumático, problemas gastrointestinais, problemas de socialização e sintomas depressivos (Anacleto et al., 2009).

A violência de que aqui falamos tem uma particularidade que a torna especialmente complexa e que se prende com o facto de haver entre a vítima e o agressor uma forte componente afetiva, emocional e sexual. Isto, associado ainda à existência de papéis, projetos e responsabilidades que são partilhados, faz com que seja fácil para o agressor criar e manipular um

conjunto de dependências e entraves que impedem ou pelo menos dificultam à vítima colocar termo à relação abusiva (Manita et al., 2009).

Caridade e Machado (2006) explicam também porque é que a violência e o abuso têm uma maior probabilidade de ocorrência em relações afetivas mais duradouras e em que existe coabitação. No entanto, indicam que 28% dos homens e das mulheres estão, em algum momento da sua vida, envolvidos num namoro violento.

Vieira (2013) cita alguns autores que apontam diferentes fatores de risco para a violência no namoro, entre eles a exposição à violência interparental (Flannery, Vazsonyi, & Waldman, 2007), a falta de competências na resolução de problemas e a crença de que a violência no namoro é aceitável como algo normal e socialmente aceite, muitas vezes confundida com afeto e cuidado (Nascimento, 2009).

Tal como referem Anacleto et al. (2009), a violência é uma interação na qual quer os indivíduos do sexo masculino quer os do feminino podem assumir o papel de agressores ou de vítimas. Costa e Duarte (2000, citado em Vieira 2013) defendem a mesma ideia, referindo que a prática da violência está relacionada com o alvo da mesma e que, portanto, a vítima também agride, mesmo que apenas em sua defesa. McKeel & Sporakowski (1993 citados em Paiva, 2010) referem que para os teóricos sistémicos ambos os cônjuges estão implicados nas interações violentas e partilham a responsabilidade pela relação em que o abuso se dá. No entanto, a frequência com que as mulheres recorrem aos serviços de saúde, em consequência de situações de violência causadas pelos seus parceiros, faz com que este seja um problema frequentemente associado à violência de género que “desafia a área de saúde pública em todo o mundo” (Anacleto e tal., 2009. p. 800).

Os registos da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) comprovam que a maioria das vítimas desta violência é do sexo feminino e a maioria dos agressores do sexo masculino. Os dados do primeiro semestre de 2007 apontam para 4330 novos casos, em que 86.9% das vítimas eram mulheres e 87% dos agressores eram homens (Canelas, 2008).

A Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou a violência de género um problema de saúde pública e realizou estudos, em vários países do mundo, que apontam que entre 13% (Japão) e 61% (Peru) das mulheres já foram vítimas de algum tipo de violência física (Vicente & Vieira, 2009).

A lei portuguesa (Lei nº 59/2007) constitui a violência doméstica como um crime público, o que torna obrigatório o prosseguimento de um inquérito, por parte do Ministério Público, logo que este tome conhecimento da ocorrência do crime, independentemente de ser ou não a vítima a apresentar queixa e sem ser necessária a aprovação desta para o procedimento criminal. Todos os cidadãos que, na aceção do artigo 386º do Código Penal, sejam considerados funcionários, têm a obrigatoriedade de denunciar qualquer crime público de que tomem conhecimento. Assim sendo, torna-se extremamente pertinente que todos os profissionais envolvidos no atendimento a vítimas tenham o conhecimento e a devida preparação para poderem identificar e denunciar os casos de violência doméstica de que, no exercício da sua profissão ou por causa dela, tomem conhecimento (Manita et al., 2009).

Que Representações Sociais da Violência entre Parceiros Íntimos têm os estudantes de Enfermagem, Medicina e Serviço Social? O papel da formação.  
Cristiana Barcelos Costa (crisbcosta91@gmail.com) 2014

## 1.2 Representações Sociais, A Influência das Crenças e da Formação

Beck (1979, citado em Mendes & Cláudio, 2010) diz-nos que as crenças que temos acerca do que nos rodeia surgem essencialmente na infância, formadas na interação com o meio e com pessoas significativas. Ao longo do desenvolvimento, os acontecimentos que corroboram essa ideia inicialmente formada vão servir para a reforçar. Esta, por sua vez, influenciará o modo como cada indivíduo seleciona e avalia a informação que recebe do exterior, como explicam os autores Cláudio, Pereira e Robalo (1994, citado em Mendes & Cláudio, 2010).

Tendo em conta as crenças acerca da violência doméstica, e seguindo o pensamento de Bandura (1979, citado em Mendes & Cláudio, 2010), a forma como agiremos perante uma dada situação desse género irá depender da valência que lhe atribuímos ser positiva ou negativa, isto é, um indivíduo que valida a violência doméstica tenderá a legitimá-la.

Burt (1980, citado em Nayak, Byrne, Martin, & Abraham, 2003) defendia a existência do “mito da violação”, referindo-se a um conjunto de atitudes que legitimam a violência sexual. As pessoas com tais crenças atribuem a culpa da violação à vítima da mesma. O referido autor acreditava que a existência de tais crenças significava um grande entrave aos esforços de prevenção da violência sexual.

Também Perrone e Nannini (1997, citado em Vieira, 2013) defendem que os sistemas de crenças reconhecidos nos casos de violência possuem modelos formais e idealizados acerca de, por exemplo, o que é uma boa família, os papéis familiares, como deve ser um bom chefe de família e uma mãe e dona de casa.

É portanto extremamente pertinente entender se os indivíduos que serão em breve profissionais de áreas que assumem um papel muito importante na deteção, encaminhamento e intervenção de casos de violência entre parceiros íntimos, levam para o desempenho da sua profissão crenças que lhes permitam agir em conformidade com aquilo que é esperado da sua parte ao lidar com situações de violência nas relações entre parceiros íntimos, isto é, o adequado apoio à(s) vítima(s).

Outro conceito importante neste âmbito e relacionado com os que já foram apresentados é o de “representações sociais”, que Moscovici (2000) define como “uma modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos”.

A exposição (direta ou indireta) à violência poderá originar a formação de representações distorcidas, sendo que estas se podem sustentar em argumentos familiares e socioculturais. A junção destes com as atitudes sociais pode estar na origem do fenómeno da violência entre parceiros íntimos e da diferente relevância que esta tem em algumas sociedades por comparação a outras (Agarwal & Panda, 2007).

De acordo com o estudo desenvolvido por Mendes e Cláudio (2010), a área de formação dos indivíduos tem influência nas crenças e atitudes dos mesmos em relação à violência doméstica, sendo que os estudantes que menos a legitimam são os de enfermagem, por comparação aos de

engenharia. Estes autores apontam ainda para estudos como os de Pérez, Fiol, Palmer, e Guzmán (2006) e Pérez, Fiol, Palmer, Espinisa e Guzmán (2006), que defendem que o facto de se receber ou não formação sobre o tema da violência doméstica tem influência nas crenças sobre o fenómeno em questão, o que parece explicar os resultados apontados, uma vez que os alunos de enfermagem em questão receberam esse tipo de formação e os de engenharia não.

### **1.3 A Violência entre Parceiros Íntimos e o Papel dos Profissionais**

São os serviços e os profissionais da área da saúde aqueles que têm mais oportunidade de identificar e intervir em situações de violência nas relações íntimas, pois são estes, na maioria das vezes, que socorrem as vítimas, e são estes também que estão em melhor posição de reconhecer a presença do problema sem que seja necessário que a vítima o declare, algo que muitas vezes não faz. Acresce ainda o facto de o contacto com o sistema de saúde poder ser o único possível para alguém que é controlado de perto por um companheiro violento (Manita et al., 2009).

Seria então de esperar que existisse um grande número de denúncias de agressores e de encaminhamentos de vítimas de violência nas relações íntimas provenientes destes profissionais. No entanto, o que alguns estudos internacionais nos dizem é que apenas 10% das vítimas de violência são identificadas ao nível dos serviços de saúde. Trata-se de um falha com variadas e graves consequências: a vítima continuará sujeita à escalada de violência; a sociedade será mais sobrecarregada, não só na medida em que esta violência acarreta custos elevados ao nível da saúde e da justiça, como também na medida em que a vítima será menos produtiva, ficará de baixa ou deixará de trabalhar; o sistema de saúde terá mais tarde de efetuar variados exames e meios de diagnóstico complementar dispendiosos, bem como suportar tratamentos, internamentos, cirurgias e medicamentos, que seriam desnecessários numa primeira fase em que a situação da vítima não era tão grave. Assim, e acrescentando a possibilidade de morte da vítima, torna-se inaceitável que atualmente ainda existam profissionais de saúde que consideram que os casos de violência nas relações íntimas não fazem parte das suas funções nem lhes dizem respeito (Manita et al., 2009).

Canelas (2008) apresenta-nos indicações da OMS sobre aquilo que os profissionais de saúde podem (devem) fazer: reforçar a autoconfiança da vítima garantindo que esta não deixa de procurar ajuda; ficar atento aos sinais ou sintomas de violência e continuar a observá-los; colocar questões relativas às experiências de violência que o utente possa ter tido; registar detalhes sobre a situação de abuso e sobre o agressor; direcionar as vítimas na rede de apoio social.

Por entre os variados profissionais de saúde, os médicos e enfermeiros que exercem na área de clínica geral e família, serviços de urgência, obstetrícia, ginecologia, pediatria, psiquiatria, radiologia, odontologia e oftalmologia são aqueles que têm uma maior probabilidade de contactar com situações de violência nas relações íntimas. Perante esta situação, deverão efetuar um acolhimento adequado e, quando necessário, reencaminhar a

vítima para que esta possa ser assistida por técnicos especializados da área social, policial, jurídica e/ou psicológica (Manita et al., 2009).

Tate (2004, citado em Canelas, 2008) afirma que, no desempenho da sua profissão, os técnicos de saúde têm consigo um conjunto de atitudes, crenças e valores morais com origem na educação que receberam, na sua cultura e nas suas vivências, fatores estes que irão influenciar o modo como lidam com os doentes, o que pode levá-los a fazer julgamentos indevidos e a não dar a devida orientação.

Vicente e Vieira (2009) expressam que os estudos apontam para a existência de uma maior prevalência de situações de violência nas mulheres que são utentes dos serviços de saúde, facto que está intimamente relacionado com a procura de ajuda por parte das mesmas devido às queixas que apresentam. Os mesmos autores explicam, ainda, que uma das dificuldades que se coloca à prestação de apoio a estas vítimas se prende com a relutância dos profissionais de saúde em identificar os casos de violência de género, porque subestimam a sua prevalência, não sabem o que devem fazer, receiam ofender a pessoa ao colocar questões ou acreditam que essa não é uma competência sua. Seja qual for o motivo, a verdade é que os sinais de agressão que a vítima possa apresentar são muitas vezes ignorados.

A investigação científica acerca das representações sociais da violência conjugal em Portugal é ainda muito escassa (Casimiro, 2002). Creemos que essa lacuna se poderá generalizar à violência entre parceiros íntimos, mas tentaremos, ainda assim, apresentar um resumo daquilo que já foi dito acerca deste assunto.

Gonçalves (2004) realizou um estudo, em Portugal, acerca das representações dos profissionais de saúde em relação à violência de género e constatou que uma boa parte destes se limitam a tratar os sintomas físicos apresentados pelos utentes. Como o autor refere, sinalizar e encaminhar as vítimas de violência doméstica é mais do que tratar das suas mazelas físicas, é solucionar a causa das mesmas.

Um estudo qualitativo, também realizado em Portugal, sobre as representações sociais da violência contra a mulher na perspetiva da enfermagem revelou que as enfermeiras participantes (150) não consideravam a violência de género como sendo um problema de segurança pública ou de saúde pública, mas sim um problema social, no qual estão implicadas a educação, a família, as leis e a ajuda social (Leal, Lopes, & Gaspar, 2011).

Também Monteiro (2000, citado em Canelas, 2008) chegou a conclusões interessantes acerca deste assunto: uma amostra de enfermeiros e médicos, apesar de desaprovarem a recorrência à violência em certas circunstâncias, apresentavam valores baseados em mitos e crenças como as causas da violência doméstica serem o álcool ou a doença mental dos maridos ou ainda que esse é um assunto privado no qual não se deve interferir.

Monteiro (2000, citado em Canelas, 2008) realizou também um estudo com mulheres vítimas de violência doméstica indicando que estas consideram a inexistência de apoio profissional adequado como sendo um dos fatores que mais dificulta a sua saída do ciclo de violência. Esse mesmo

estudo revelou ainda que 45% das assistentes sociais inquiridas considera não possuir os conhecimentos necessários para lidar com este tipo de caso (Canelas, 2008).

Na verdade, apesar de fazerem parte do grupo de profissionais que possui recursos para auxiliar as vítimas deste crime, os assistentes sociais recebem muito pouca formação acerca deste assunto ao longo da sua licenciatura. Mesmo ao nível da literatura este parece ser um assunto pouco abordado. No entanto, encontram-se autores como Almeida (2001) que descreve a violência conjugal, os mitos e realidades associados a esta, as vítimas, os agressores e o tipo de intervenção que um técnico da assistência social pode/deve aplicar quando contacta com casos de violência doméstica e/ou conjugal. A autora explica como se detetam os casos, que tipo de atendimento deverá ser feito, que estratégias de intervenção poderão ser utilizadas, como deverá ser feito o encaminhamento e qual o enquadramento legislativo da violência conjugal. Apresenta ainda o Plano de Segurança Pessoal, criado em 1998 pelo Projeto INOVAR do Ministério da Administração Interna – M.A.I.. Trata-se de um guia que permite à vítima preparar-se com antecedência para sair de perto do agressor e organizar a sua vida sem este. Trata-se também de um instrumento de trabalho para técnicos de terreno, como é o caso dos assistentes sociais (Almeida, 2001).

#### **1.4 A Violência entre Parceiros Íntimos e os Estudantes Universitários Portugueses**

A investigação portuguesa, apesar de escassa, aponta valores que comprovam que também no nosso país a violência nas relações íntimas é um problema social bastante significativo: 15.5% dos estudantes universitários envolvidos em relações amorosas conta ter sido vítima do seu parceiro e 21.7% admite já ter sido violento na sua relação (Machado et al. 2003).

Machado et al. (2003) concluíram, num estudo acerca da violência universitária, que a faixa etária mais jovem tende a desvalorizar a violência nas relações, bem como a sua gravidade. Esses mesmos autores concluíram que uma grande percentagem de estudantes assume condutas violentas nas suas relações íntimas.

Num estudo levado a cabo por Paiva (2010) acerca das representações sociais e atribuições na violência conjugal com estudantes do Mestrado Integrado em Psicologia, a autora percebeu que todos os estudantes da amostra apresentavam baixos valores de legitimação da violência entre parceiro íntimos, sendo que os estudantes do primeiro ano legitimavam mais a violência que os do quinto. A autora hipotetizou que tais diferenças se ficam a dever aos efeitos da formação académica que, no curso em questão, poderá aumentar a sensibilidade e a postura crítica dos alunos para estas questões.

Vieira (2013) conduziu um estudo em cuja amostra possuía 70.5% de sujeitos que admitiam já ter cometido pelo menos um ato de violência e 67% que já tinha sido alvo de pelo menos um ato agressivo por parte do/a companheiro/a. Estes valores em estudantes universitários poderão, de alguma forma, estar relacionados com a legitimação da violência nas

relações amorosas por parte destes indivíduos, alguns dos quais poderão vir a desempenhar profissões nas quais tenham contacto com vítimas dessa mesma situação.

Na verdade, segundo dados do M.A.I., a percentagem de vítimas com idades até aos vinte e quatro anos aumentou no ano de 2006 em 59%. São dados extremamente preocupantes e que nos impedem de pensar que esta é uma realidade das gerações mais velhas e que está em extinção (Canelas, 2008).

No já referido estudo de Vieira (2013) os estudantes que já haviam sido vítimas de atos de violência legitimavam-na mais que os restantes sujeitos da amostra.

Por outro lado, nessa amostra de estudantes do ensino superior verificou-se existir pouca aceitação da violência (Vieira, 2013). A autora desse mesmo estudo referia, apoiada em autores como Machado et al. (2003) e Pérez, Fiol, Palmer, Espinosa, & Guzmán (2006) que, apesar de não ter estudado as diferenças entre áreas de estudo e ano escolar, lhe parecia razoável afirmar que esse tipo de resultados estaria relacionado com o facto de a maioria da sua amostra frequentar os últimos anos da licenciatura ou o mestrado de cursos sociais e psicologia, cursos onde temáticas como a da violência são abordadas, sendo que isso poderá ter influência sobre o tipo de crenças e atitudes em relação à mesma.

Ainda no estudo de Vieira (2013) encontraram-se valores que indicaram que a maioria dos sujeitos possuía capacidades para lidar com situações de crise no casal, uma vez que pontuaram positivamente nas escalas que mediam a capacidade de negociação emocional e cognitiva.

Ávila (2013) também estudou a violência entre parceiros íntimos com estudantes do ensino superior e concluiu que esta é uma problemática comum entre esta população, pois uma boa parte da sua amostra referiu ter sido vítima e/ou perpetradora de violência na relações íntimas, sendo a agressão psicológica o tipo de abuso mais prevalente e repetido entre os estudantes universitários. Também esta autora verificou, contudo, a grande utilização da negociação por parte destes indivíduos. Evidenciou-se, ainda neste estudo, que a violência entre parceiros íntimos ocorre principalmente de uma forma recíproca entre homens e mulheres.

## **II - Objetivos**

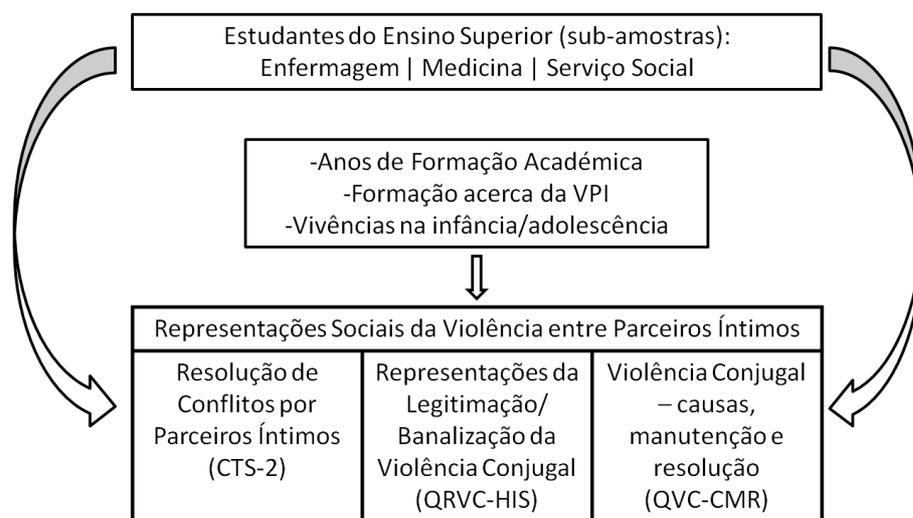
As representações sociais acerca da violência entre parceiros íntimos têm uma forte influência no modo como os indivíduos se comportam perante situações deste foro. Sabemos também que na atitude e forma de intervir de cada profissional têm influência as suas crenças e a sua formação.

Propomo-nos conhecer que tipo de representações sociais acerca da violência nas relações íntimas, das suas causas, fatores de manutenção e estratégias de resolução, têm os estudantes do ensino superior que poderão no futuro ser profissionais de áreas com uma forte responsabilidade na intervenção nestes casos, nomeadamente a Medicina, a Enfermagem e o

Serviço Social.

Dentro deste objetivo geral inserem-se outros mais específicos, nomeadamente entender se a formação que recebem no ensino superior tem ou não influência sobre essas mesmas crenças, possibilitando que estes estudantes se tornem, ao longo do curso, profissionais conscientes e capazes de tomar as atitudes devidas em situações de contacto com casos de VPI; perceber se as vivências pessoais de infância e adolescência, enquanto vítimas e/ou testemunhas de violência verbal e/ou física por parte dos cuidadores, têm influência nas suas representações sociais acerca da VPI.

De forma a clarificar os objetivos definidos e a apresentar as variáveis em estudo, segue-se o nosso mapa conceptual:



**Figura 1.** – Modelo conceptual hipotético das relações entre as variáveis do presente estudo empírico.

### III – Metodologia

#### 3.1 Descrição da Amostra

Para descrever a amostra em estudo fez-se uso de um conjunto de variáveis sociodemográficas (sexo, idade, ano escolar, área de estudos e zona de residência) (Tabela 1), de variáveis relativas à formação em violência nas relações íntimas (Tabela 2) e, ainda, de variáveis relativas à história de violência familiar (Tabela 3).

A amostra é composta por um total de 313 sujeitos, dos quais 31 (9.9%) são do sexo masculino e 282 (90.1%) do sexo feminino, com uma nítida predominância do sexo feminino.

As idades dos sujeitos estão compreendidas entre os 18 e os 60 anos, sendo a média de 23.06 anos de idade (DP=6.344). A maioria dos sujeitos tem entre os 18 e os 25 anos (84.3%).

Todos os sujeitos são alunos do ensino superior, sendo que o ano de

Que Representações Sociais da Violência entre Parceiros Íntimos têm os estudantes de Enfermagem, Medicina e Serviço Social? O papel da formação.  
Cristiana Barcelos Costa (crisbcosta91@gmail.com) 2014

curso mais frequente entre os sujeitos da amostra é o 3º ano (34.5%), seguindo-se o 1º ano (24.9%), depois o 2º ano (16.3%), o 4º (11.8%), o 6º ano (6.4%) e o 5º ano (3.8%). Os restantes sujeitos encontram-se distribuídos pelo mestrado (1%) e a pós-graduação (1%).

**Tabela 1. Caracterização da amostra – Variáveis sociodemográficas**

Variáveis	Categorias	Sexo					
		Masculino		Feminino		Total	
		n=31 (9.9%)	n=282 (90.1%)	N	%	N	%
						<i>Missings=0</i>	0
Idade	18-25	22	7	242	77.3	264	84.3
	26-35	5	1.6	27	8.6	32	10.2
	36-45	3	1	7	2.2	10	3.2
	≥46	1	0.3	6	1.9	7	2.2
						<i>Missings=1</i>	0.3
Ano escolar	1.º Ano	6	1.9	72	23.1	78	25
	2.º Ano	4	1.3	47	15.1	51	16.3
	3.º Ano	8	2.6	100	32.1	108	34.6
	4.º Ano	5	1.6	32	10.3	37	11.9
	5.º Ano	3	1	9	2.9	12	3.8
	6.º Ano	3	1	17	5.4	20	6.4
	Mestrado	0	0	3	1	3	1
	Pós-graduação	2	0.6	1	0.3	3	1
						<i>Missings=0</i>	0
Área de Estudos	Enfermagem	4	1.3	58	18.5	62	19.8
	Medicina	19	6.1	60	19.2	79	25.2
	Serviço Social	8	2.6	164	52.4	172	55
						<i>Missings=3</i>	1
Zona de Residência (NUTS II)	Norte	9	2.9	121	39	130	41.9
	Centro	12	3.9	105	33.9	117	37.7
	Lisboa	3	1	33	10.6	36	11.6
	Alentejo	0	0	7	2.3	7	2.3
	Algarve	1	0.3	1	0.3	2	0.6
	Região Autónoma dos Açores	5	1.6	10	3.2	15	4.8
	Região Autónoma da Madeira	0	0	3	1	3	1

No que diz respeito à área de estudos, a predominante é o Serviço Social (55%), seguido da Medicina (25.2%) e depois da Enfermagem (19.8%).

Em relação à zona de residência<sup>1</sup>, constata-se que a maioria dos sujeitos reside na zona Norte do país (41.9%), seguida da zona Centro (37.7%), depois Lisboa e Vale do Tejo (11.6%), depois Região Autónoma dos Açores (4.8%), de seguida Alentejo (2.3%), Região Autónoma da Madeira (1%) e Algarve (0.6%).

**Tabela 2. Caracterização da amostra – Formação em violência nas relações íntimas**

Variáveis	Categorias	Sexo					
		Masculino		Feminino		Total	
		n=31 (9.9%)	n=282 (90.1%)	n=282 (90.1%)	n=282 (90.1%)	N=313	N=313
		N	%	N	%	n	%
						<i>Missings=0</i>	0
Formação em VPI	Não	22	7	220	70.3	242	77.3
	Sim	9	2.9	62	19.8	71	22.7
						<i>Missings=0</i>	0
Número de formações realizadas	Nenhuma	22	7	221	70.6	243	77.6
	Uma	5	1.6	39	12.5	44	14.1
	Duas	4	1.3	17	5.4	21	6.7
	Três	0	0	2	0.6	2	0.6
	Quatro	0	0	2	0.6	2	0.6
							0.3
						<i>Missings=0</i>	0
Momento da formação, relativamente ao curso	Previamente	3	1	15	4.8	18	5.8
	Durante	6	1.9	47	15	53	16.9
	Posteriormente	1	0.3	7	2.2	8	2.5
						<i>Missings=4</i>	1.3
Grau de concordância com a importância da formação em VPI, no contexto da área de estudo	Discordo totalmente	0	0	1	0.3	1	0.3
	Discordo	0	0	0	0	0	0
	Nem concordo nem discordo	5	1.6	9	2.9	14	4.5
	Concordo	15	4.9	81	26.2	96	31.1
							64.1
							64.1

Referindo agora as variáveis que dizem respeito à formação em violência nas relações íntimas (Tabela 2), 22.7% é a percentagem de sujeitos da amostra que relata ter recebido este tipo de formação. Destes, 14.1% participaram em uma formação, 6.7% em duas, 0.6% em três, 0.6% em quatro formações, 0.3% em cinco. 16.9% dessas mesmas formações realizaram-se durante a formação académica de base destes sujeitos, enquanto 5.8% aconteceram antes e 2.5% depois. Questionou-se ainda os sujeitos quanto ao seu grau de concordância com a importância da formação

<sup>1</sup> Foi utilizada a tipologia apresentada pelo Regulamento (CE) nº1059/2003 do Parlamento Europeu. A NUTS II corresponde ao segundo dos três níveis de sub-regiões de Portugal contemplado na Nomenclatura Comum das Unidades Territoriais Estatísticas.

acerca da violência entre parceiros íntimos na sua área de estudos. A maioria (64.1%) concordou totalmente com essa importância, 31.1% concordou, 4.5% referiu não concordar nem discordar e 0.3% discorda totalmente com a necessidade deste tipo de formação na sua área de estudos.

**Tabela 3. Caracterização da amostra – História de violência familiar**

Variáveis	Categorias	Sexo						
		Masculino		Feminino		Total		
		n=31 (9.9%)	n=282 (90.1%)	n=282 (90.1%)	n=282 (90.1%)	N=313		
		N	%	N	%	n	%	
Testemunho de violência física entre pais/cuidadores	Não	27	8.7	243	78.1	270	86.8	
	Sim	4	1.2	37	11.9	41	13.1	
							<i>Missings=2</i>	0.6
Testemunho de violência verbal entre pais/cuidadores	Não	14	4.5	151	48.4	165	52.9	
	Sim	17	5.5	130	41.7	162	47.2	
							<i>Missings=1</i>	0.3
Vítima de castigos físicos em casa	Não	8	2.6	180	57.5	188	60.1	
	Sim	23	7.3	102	32.6	125	39.9	
							<i>Missings=0</i>	0
Vítima de violência verbal em casa	Não	25	8	233	74.9	258	83	
	Sim	6	1.9	47	15.2	55	17.1	
							<i>Missings=2</i>	0.6
Vítima de violência sexual	Não	29	9.3	277	88.8	306	98.1	
	Sim	2	0.6	4	1.3	6	1.9	
							<i>Missings=1</i>	0.3

Relativamente à história de violência familiar verifica-se que, enquanto crianças e adolescentes, 13.1% dos sujeitos da amostra testemunharam violência física entre os pais/cuidadores e 47.2% foram testemunhas de violência verbal entre os pais/cuidadores. No que diz respeito aos castigos físicos em casa, 39.9% dos sujeitos foram vítimas dos mesmos. A percentagem de sujeitos que foi vítima de violência verbal em casa é de 17.1% e a percentagem de vítimas de violência sexual da amostra é de 1.9% (Tabela 3).

### 3.2 Instrumentos de Avaliação

A presente investigação baseou-se num protocolo de avaliação composto por três questionários de autorresposta: Escala de Violência nas Relações Íntimas (The Revised Conflict Tactic Scales – CTS 2), Questionário de Violência Conjugal – Histórias (QRVC – HIS) e Questionário de Violência Conjugal - Causas, Manutenção e Resolução (QVC-CMR). Estes são precedidos por um questionário de dados sociodemográficos e de dados complementares para caracterização da amostra.

### 3.2.1 Questionário Sociodemográfico<sup>2</sup>

Este questionário possui três partes distintas.

A primeira parte diz respeito aos dados demográficos (idade, sexo, nacionalidade, zona de residência, estabelecimento de ensino superior que frequenta, curso que frequenta, ano que frequenta, língua materna, raça, estado civil, situação laboral) e a algumas informações familiares (estado civil, escolaridade, profissão e rendimento bruto anual da família).

A segunda parte refere-se à formação que o sujeito possa ter recebido acerca da violência entre parceiros íntimos.

Por fim, há um conjunto de questões que se referem a vivências familiares na infância e adolescência do sujeito, enquanto testemunha de abusos/violência entre os pais/cuidadores e/ou enquanto vítimas dos mesmos.

### 3.2.2 Escala de Violência nas Relações Íntimas (The Revised Conflict Tactic Scales – CTS 2)<sup>3</sup>

A Escala de Violência nas Relações Íntimas (The Revised Conflict Tactic Scales – CTS 2) tem por objetivo avaliar a forma como os parceiros íntimos resolvem os seus conflitos, recorrendo a estratégias de negociação (que pode ser emocional e/ou cognitiva) ou de abuso (abuso físico sem sequelas; agressão psicológica; abuso físico com sequelas; coerção sexual).

Este instrumento é composto por 39 pares de perguntas, num total de 78 questões que possibilitam a obtenção de dados relativos a ambos os elementos da díade, bem como determinar o quanto as táticas de resolução de conflitos são participadas por cada um, mesmo quando um deles não é diretamente avaliado.

Através desta escala é também possível contabilizar o número de ocorrências durante o último ano, por parte do indivíduo e por parte do companheiro. Para tal, inclui oito categorias de resposta, as primeiras seis destinadas a determinar a prevalência e cronicidade no último ano: [(1) uma vez no ano anterior, (2) duas vezes no ano anterior, (3) 3-5 vezes no ano anterior, (4) 6-10 vezes no ano anterior, (5) 11-20 vezes no ano anterior, (6) mais de 20 vezes no ano anterior], e as restantes categorias destinadas a determinar a prevalência global: [(7) não no ano anterior mas ocorreu anteriormente] e a inexistência deste tipo de abuso [(8) nunca aconteceu] (Alexandra & Figueiredo, 2006).

A Escala de Violência nas Relações Íntimas (The Revised Conflict Tactic Scales – CTS 2) apresenta, na sua versão portuguesa (Alexandra & Figueiredo, 2006), valores de consistência interna que variam entre 0.78 e 0.50 para a perpetração e entre 0.74 e 0.47 para a vitimização. No que diz respeito à escala total, o valor do alfa de Cronbach referente à consistência interna para a perpetração é 0.79 e para a vitimização é 0.80. No presente estudo, no que se refere à perpetração, a escala de negociação ( $\alpha = .958$ ) é a que apresenta valores de consistência interna mais elevados, seguida das

---

<sup>2</sup> Anexo I, 2.

<sup>3</sup> Anexo I, 3.

escalas de abuso físico com sequelas ( $\alpha = .934$ ), abuso físico sem sequelas ( $\alpha = .916$ ), coerção sexual ( $\alpha = .894$ ) e agressão psicológica ( $\alpha = .793$ ). No que se refere à vitimização, também a escala de negociação ( $\alpha = .958$ ) é a que apresenta valores de consistência interna superiores, seguida das escalas de abuso físico com sequelas ( $\alpha = .955$ ), abuso físico sem sequelas ( $\alpha = .938$ ), coerção sexual ( $\alpha = .847$ ) e agressão psicológica ( $\alpha = .804$ )<sup>4</sup>.

### 3.2.3 Questionário de Violência Conjugal – Histórias (QRVC – HIS)<sup>5</sup>

O Questionário de Violência Conjugal – Histórias (QRVC-HIS) (Alarcão, Alberto, Camelo, & Correia, 2007) é composto por três histórias de violência conjugal. Cada uma destas é seguida por dez afirmações em relação às quais o sujeito deverá indicar o seu grau de concordância, de acordo com uma escala *Likert* de 4 pontos (1 = Discordo plenamente até 4 = Concordo completamente).

As histórias em questão foram elaboradas com base em pressupostos teóricos presentes na literatura acerca das diferentes concepções relativas à dinâmica da violência no casal, às suas causas e consequências (Aguilar, 2010). O seu objetivo é identificar as representações dos indivíduos quanto à legitimação ou banalização do fenómeno em estudo, sendo que a resposta “discordo plenamente” está associada a uma menor legitimação da violência (Aguilar, 2010). Para a elaboração destas histórias foram tidos em conta cinco fatores teóricos: a) legitimação e/ou banalização da violência conjugal; b) legitimação/justificação da violência pela conduta da vítima; c) legitimação/justificação da violência por fatores externos (*stress*, consumo, álcool...), d) desvalorização/aceitação da violência em favor da privacidade/coesão familiar; e) (im)possibilidade de atribuição da violência ao agressor em função do seu estatuto social, económico e escolaridade (Aguilar, 2010).

Na validação deste instrumento para a população geral portuguesa, Aguilar (2010) encontrou um coeficiente alfa de Cronbach de 0.947, indicando assim uma consistência interna elevada. Também Paiva (2010) no seu estudo obteve um coeficiente alfa de Cronbach revelador de uma boa consistência interna, com o valor de 0.91. No presente estudo foram encontrados coeficientes alfa de Cronbach que apontam, quer para o instrumento no seu total ( $\alpha = .948$ ), quer para as Histórias 1 ( $\alpha = .835$ ), 2 ( $\alpha = .903$ ) e 3 ( $\alpha = .890$ ), uma elevada consistência interna<sup>6</sup>.

### 3.2.4 Questionário de Violência Conjugal - Causas, Manutenção e Resolução (QVC-CMR)<sup>7</sup>

O Questionário de Violência Conjugal – Causas, Manutenção e Resolução (QVC-CMR) (Alarcão, Alberto, Camelo, & Correia, 2007) é

---

<sup>4</sup> Anexo II, 1 e 2.

<sup>5</sup> Anexo I, 4.

<sup>6</sup> Anexo II, 3.

<sup>7</sup> Anexo I, 5.

constituído por três conjuntos de catorze afirmações, relativos aos fatores que contribuem para o aparecimento da violência, para a sua manutenção e para a sua resolução. Para cada conjunto de fatores, os sujeitos deverão identificar o seu grau de concordância de acordo com uma escala Likert de 4 pontos (1 “discordo totalmente” até 4 “concordo totalmente”). As afirmações que compõem cada um dos conjuntos de fatores podem ser agrupadas em três tipos: afirmações relacionados com o agressor, com a vítima e com o exterior (filhos, família e sociedade em geral).

No que concerne às qualidades psicométricas do instrumento em questão, Paiva (2010) obteve um alfa de Cronbach ( $\alpha=.83$ ) para o fator de ativação, indicando um elevado grau de consistência interna. O mesmo aconteceu com o fator de manutenção, com um alfa de Cronbach ( $\alpha=.80$ ). Em relação ao fator de resolução, o valor de consistência interna foi mais baixo, com um alfa de Cronbach ( $\alpha=.60$ ). Por sua vez, Aguilar (2010) obteve resultados semelhantes: para o fator de ativação um alfa de Cronbach de 0.878, para o fator de manutenção um alfa de Cronbach de 0.830, e para o fator de resolução um alfa de Cronbach elevado de 0.840. No presente estudo, os valores encontrados foram, para o fator causas, um alfa de Cronbach de 0.860; para o fator manutenção, um alfa de Cronbach de 0.810; para o fator de resolução, um alfa de Cronbach de 0.798<sup>8</sup>.

### 3.3 Procedimentos de Investigação

A amostra do presente estudo foi recolhida entre fevereiro e maio de 2014. Trata-se de uma amostragem por conveniência, recolhida em instituições de ensino superior das regiões do Porto e de Coimbra. Em algumas dessas instituições a recolha foi feita de modo presencial, com o preenchimento do protocolo em “papel e lápis”; noutras foi feita online, através do envio de um *link* eletrónico aos alunos, onde o protocolo estava disponível em formato digital na plataforma *limesurvey*. Esse mesmo *link* foi ainda divulgado através de redes sociais na internet.

Para que a recolha nas instituições de ensino superior fosse possível, foram feitos pedidos de autorização formalizados aos Conselhos de Ética e Direções de Ensino das mesmas.

A todos os participantes neste estudo foi pedido o consentimento informado e garantida a confidencialidade e o anonimato das suas respostas.<sup>9</sup>

### 3.4 Procedimentos Estatísticos

Concluída a recolha dos dados, e tendo em conta os objetivos estabelecidos para este estudo, realizou-se o tratamento estatístico dos mesmos com recurso ao programa *SPSS (Statistical Package for the Social Sciences versão 20.0 for Windows)*. Os resultados obtidos serão apresentados na secção IV.

---

<sup>8</sup> Anexo II, 4.

<sup>9</sup> Anexo I, 1.

A decisão inicial na escolha entre a utilização de testes paramétricos ou não paramétricos foi tomada com base no autor Maroco (2007). Este diz-nos que uma amostra com mais de 30 sujeitos é considerada grande. Assim sendo, a utilização de testes paramétricos é possível e aceitável, uma vez que a amostra do presente estudo ultrapassa bastante o mínimo aceitável, não existe ameaça à validade da inferência estatística por parte da normalidade (Pestana e Gageiro, 2005).

Começou-se por realizar a análise descritiva da violência entre parceiros íntimos (CTS-2) e das representações sociais da violência entre parceiros íntimos (QRVC-HIS e QVC-CMR).

Através do T de Student foi analisada a influência que o ano escolar, a formação na violência entre parceiros íntimos, a perpetração de violência nas relações íntimas e a vitimização nas relações íntimas têm nas variáveis dependentes (VD's) em estudo.

Analisaram-se ainda, através da Anova One-way, as diferenças das representações sociais da violência entre parceiros íntimos consoante as áreas de estudo e consoante a história de violência familiar na infância e adolescência. Foi, por fim, utilizado o teste de *Bonferroni* nas situações em que os resultados revelaram a necessidade do cálculo de comparações múltiplas de médias à *posteriori*.

## IV - Resultados

### 4.1 Violência entre Parceiros Íntimos (CTS-2)

As respostas ao CTS-2 foram analisadas tendo em conta a perpetração e a vitimização ao nível da cronicidade e da prevalência.<sup>10</sup>

Dos 313 sujeitos da amostra, 207 encontravam-se numa relação no momento da recolha dos dados. Os resultados apresentados dizem respeito a estes últimos, uma vez que a inclusão dos dados dos restantes 106 sujeitos que não se encontram numa relação atual poderia representar um enviesamento dos resultados.

Dos 207 sujeitos que se encontram numa relação, 100% utiliza a negociação emocional na resolução dos seus conflitos e 99% utiliza a negociação cognitiva. Valores semelhantes são apontados para a utilização da negociação por parte dos seus companheiros: 99.5% para a negociação emocional e 98.6% para a negociação cognitiva.

No que diz respeito à utilização de violência, a forma de agressão a que os sujeitos mais vezes recorrem é a agressão psicológica ligeira (75.4%), sendo também esta a forma de agressão de que mais vezes são vítimas (69.1%). Foram, em média, perpetrados 7.99 atos de agressão psicológica

---

<sup>10</sup> A prevalência corresponde à percentagem de sujeitos da amostra que reporta um ou mais atos incluídos nas diferentes escalas do CTS-2 e a cronicidade corresponde à frequência com que os atos ocorrem entre os sujeitos que os praticam (Alexandra & Figueiredo, 2006).

ligeira durante o último ano (DP=12.777) por parte destes sujeitos que, por sua vez, foram, em média, vítimas de 6.30 atos deste gênero durante o mesmo período de tempo (DP=10.812) (Tabelas 4 e 5).

**Tabela 4. Prevalência da violência nas relações íntimas, considerando a severidade na perpetração e vitimização**

N= 313 n= 207		Perpetração n %	Vitimização n %
Negociação	Emocional	207 (100)	206 (99.5)
	Cognitiva	205 (99)	204 (98.6)
Agressão Psicológica	Ligeira	156 (75.4)	143 (69.1)
	Severa	48 (23.2)	43 (20.8)
Abuso Físico s/ Sequelas	Ligeiro	51 (24.6)	44 (21.3)
	Severo	20 (9.7)	18 (8.7)
Coerção Sexual	Ligeira	35 (16.9)	50 (24.2)
	Severa	8 (3.9)	12 (5.8)
Abuso Físico c/ Sequelas	Ligeiro	16 (7.7)	12 (5.8)
	Severo	7 (3.4)	7 (3.4)

Em segundo lugar na perpetração está o abuso físico sem sequelas ligeiro, levado a cabo por 51 sujeitos (24.6%). Este tipo de violência foi, porém, praticado com muito menos frequência ao longo do último ano do que a agressão psicológica ligeira (M=2.05; DP=9.392). Na mesma ordem mas para a vitimização encontra-se a coerção sexual ligeira, da qual 50 sujeitos (24.2%) foram vítimas em média 2.19 vezes no decorrer do último ano (DP=6.781).

Em terceiro lugar na perpetração foi praticada a agressão psicológica severa (23.2%), seguida da coerção sexual ligeira (16.9%), depois pelo abuso físico sem sequelas severo (9.7%) e pelo abuso físico com sequelas ligeiro (7.7%). Seguiu-se a coerção sexual severa (3.9%) e por fim o abuso físico com sequelas severo (3.4%).

Quanto à vitimização, a terceira forma de violência mais praticada contra os sujeitos foi o abuso físico sem sequelas ligeiro (21.3%), seguido pela agressão psicológica severa (20.8%) e depois pelo abuso físico sem sequelas severo (8.7%). A coerção sexual severa e o abuso físico com sequelas ligeiro seguem-se com uma igual percentagem de vítimas (5.8%) e, por fim, a forma de violência menos praticada contra os sujeitos foi o abuso

físico com sequelas severo (3.4%).

**Tabela 5. Cronicidade (média e desvio padrão) da violência nas relações íntimas, considerando a severidade na perpetração e vitimização**

N=313		Perpetração	Vitimização
n=207		M (DP)	M (DP)
Negociação	Emocional	46.23 (21.920)	45.69 (22.590)
	Cognitiva	31.83 (22.345)	29.84 (22.521)
Agressão Psicológica	Ligeira	7.99 (12.777)	6.30 (10.812)
	Severa	1.76 (7.143)	1.37 (6.002)
Abuso Físico s/ Sequelas	Ligeiro	2.05 (9.392)	1.69 (8.555)
	Severo	1.14 (9.297)	0.97 (8.818)
Coerção Sexual	Ligeiro	1.80 (6.730)	2.19 (6.781)
	Severo	0.71 (6.476)	0.71 (7.060)
Abuso Físico c/ Sequelas	Ligeiro	0.57 (3.601)	0.40 (2.785)
	Severo	0.72 (6.079)	0.54 (5.673)

#### **4.2 Representações Sociais da Violência Conjugal (QRVC-HIS e QVC-CMR)**

Na análise dos resultados do QRVC-HIS quis-se verificar não só a média e o desvio padrão de cada história e do total das histórias por curso e na amostra total (tabela 6), mas também quais os itens mais pontuados em cada história (tabelas 7, 8 e 9).

É possível observar que a história que apresenta uma maior legitimação por parte da amostra é a História 2. Trata-se de uma história que relata a violência num casal de idosos, perpetrada pela mulher. A História 1 é a menos legitimada pela amostra, sendo que esta se refere a um casal de licenciados, com filhos, em que o perpetrador é o homem.

Concluiu-se que os estudantes do ensino superior na área do serviço social, pertencentes à presente amostra, são aqueles que mais legitimam a violência em todas as histórias, sendo que a média deste subgrupo é sempre superior aos outros dois subgrupos. A média de serviço social no total das histórias (M=40.54; DP=10.428) é também superior às médias de enfermagem e de medicina, bem como à amostra total (M=36.90;

Que Representações Sociais da Violência entre Parceiros Íntimos têm os estudantes de Enfermagem, Medicina e Serviço Social? O papel da formação.  
Cristiana Barcelos Costa (crisbcosta91@gmail.com) 2014

DP=10.710).

**Tabela 6. Análise descritiva das respostas ao QRVC-HIS por curso**

	História 1 M (DP)	História 2 M (DP)	História 3 M (DP)	História Total M (DP)
Enfermagem (n=62)	12.03 (3.416)	12.79 (3.992)	12.44 (3.869)	37.26 (10.689)
Medicina (n=79)	12.49 (3.471)	14.13 (4.628)	12.78 (3.993)	39.41 (11.169)
Serviço Social (n=172)	12.51 (3.211)	14.81 (4.633)	13.23 (3.729)	40.54 (10.428)
Amostra Total (N=313)	12.41 (3.314)	14.24 (4.565)	12.96 (3.826)	36.90 (10.710)

Ao analisar os dados obtidos em cada item verifica-se que, na História 1, aqueles que apontam para uma maior legitimação por parte da amostra são os itens 6 - “Se o Arménio anda mais nervoso por causa do trabalho, é provável que descarregue a sua tensão sobre a Manuela” (M=1.71; DP=0.871), 8 - “A Manuela e o Arménio são adultos responsáveis e devem resolver os problemas da violência “entre portas”, sem trazer a público estas questões privadas” (M=1.46; DP=0.733) e 2 - “A Manuela queixa-se que o marido a chama de ignorante e goza com a forma como se veste mas ele só pretende que ela se comporte como boa esposa e mãe de família” (M=1.22; DP=0.510).

**Tabela 7. Estatísticas dos Itens – História 1**

Item	M	DP
1	1.14	.405
2	1.22	.510
3	1.12	.381
4	1.13	.404
5	1.19	.450
6	1.71	.871
7	1.08	.299
8	1.46	.733
9	1.21	.472
10	1.15	.423

Na História 2, os itens mais pontuados pelos sujeitos da amostra foram o 8 - “Provavelmente a Luísa é mais agressiva com o António por causa de estar tão cansada com todo o trabalho que tem” (M=1.82;

DP=0.861), o 5 - “Como pessoa do campo e com pouca escolaridade, é bem provável que a Luísa resolva as coisas pela força e não pela conversa” (M=1.50; DP=0.717), o 6 - “A Luísa tem razão em zangar-se com o marido, pois trabalha bastante e ele não a ajuda nada; antes pelo contrário, dá-lhe mais trabalho” (M=1.42; DP=0.621) e o 10 - “O António é capaz de merecer alguns ralhos da mulher porque parece levar uma vida descansadinha e despreocupada” (M=1.42; DP=0.636).

Na História 3, são os itens 2 - “O problema é a bebida; o Esteves só se torna agressivo por causa do vinho” (M=1.74; DP=0.790), 1 - “A Deolinda deve tentar manter este casamento, até porque tem um filho pequeno e vai ter outro, que precisam do pai” (M=1.42; DP=0.661), 6 - “É pouco provável que o Esteves bata na Deolinda enquanto ela está grávida do seu próprio filho” (M=1.28; DP=0.534) e 8 - “Se a Deolinda faz sempre o contrário do que o Esteves pede, é porque gosta de o provocar e de se sujeitar a ser agredida” (M=1.28; DP=0.534), aqueles que acusam uma maior legitimação por parte dos respondentes.

**Tabela 8. Estatísticas dos Itens – História 2**

	M	DP
1	1.40	.574
2	1.33	.570
3	1.30	.529
4	1.40	.557
5	1.50	.717
6	1.42	.621
7	1.34	.571
8	1.82	.861
9	1.31	.540
10	1.42	.636

**Tabela 9. Estatísticas dos Itens – História 3**

	M	DP
1	1.42	.661
2	1.74	.790
3	1.23	.490
4	1.17	.411
5	1.20	.449
6	1.28	.521
7	1.24	.514
8	1.28	.534
9	1.20	.466
10	1.20	.449

Para conhecer as diferenças nas respostas a este instrumento em diferentes anos de formação académica, foram comparadas as médias do

primeiro e do terceiro ano escolares<sup>11</sup>. Em nenhuma das histórias foram encontradas diferenças significativas<sup>12</sup>.

Procedeu-se também à comparação das médias do subgrupo dos alunos que relataram já ter recebido formação, acerca da violência entre parceiros íntimos, com aqueles que disseram não o ter feito. Desta vez encontraram-se diferenças significativas na História 1 [ $t(153,783) = 2.173$ ;  $p = 0.031$ ;  $d = 0.2933$ ], na História 2 [ $t(144,549) = 2.862$ ;  $p = 0.005$ ;  $d = 0.3863$ ] e no Total das Histórias [ $t(142,264) = 2.505$ ;  $p = 0.013$ ;  $d = 0.3381$ ], havendo uma maior legitimação da violência por parte dos indivíduos que nunca frequentaram uma formação acerca da violência entre parceiros íntimos<sup>13</sup>.

Na análise descritiva do QVC-CMR teve-se em conta os itens com maior e menor grau de concordância na amostra geral e nos subgrupos da área de formação dos sujeitos (Tabelas 10, 11 e 12).

As causas de violência conjugal que reuniram maior concordância na amostra foram as causas 11 - “Antecedentes de violência na família de origem do agressor e/ou da vítima” ( $M=2.90$ ;  $DP=0.774$ ), 14 - “Dificuldades económicas do casal/família” ( $M=2.79$ ;  $DP=0.763$ ) e 1 - “Consumos de álcool ou drogas por parte do agressor” ( $M=2.77$ ;  $DP=0.754$ ). As principais causas apontadas em cada curso vão de encontro a estas, sendo que medicina aponta para a causa 2 - “Doença mental do Agressor” em vez da causa 14 e serviço social aponta também para a causa 2 como uma das principais em vez da causa 1. Por sua vez, as causas com menor grau de concordância na amostra geral são a 6 - “Comportamento provocador da vítima” ( $M=1.84$ ;  $DP=0.761$ ), a 3 - “Baixo grau de instrução do agressor” ( $M=1.97$ ;  $DP=0.798$ ) e a 9 - “Problemas/dificuldades criadas pelos filhos” ( $M=2.02$ ;  $DP=0.792$ ). Também aqui os valores apresentados pelos diferentes cursos são semelhantes. Apenas o curso de medicina não tem a causa 3 como uma das três menos cotadas tendo, em vez desta, as causas 5 - “Doença mental da vítima” e 8 - “Interferência de outros familiares”.

No que diz respeito aos fatores de manutenção da violência conjugal, os principais apontados pelos sujeitos deste estudo foram os fatores 1 - “Ausência de denúncia por parte da vítima ou de terceiros” ( $M=3.57$ ;  $DP=0.568$ ) e 2 - “Falta de confiança na eficácia da justiça” ( $M=3.42$ ;  $DP=0.600$ ). O fator 11 - “Promessas de mudança por parte do agressor” ( $M=3.47$ ;  $DP=0.588$ ), apesar de ser o segundo com maior concordância na amostra geral, não o foi nos cursos de enfermagem e de medicina. Em vez deste, os alunos de enfermagem cotaram mais o fator 12 - “Ternura do agressor fora dos momentos de violência” e os de medicina cotaram mais o fator 8 - “Medo de retaliações por parte da vítima”. Os fatores 14 - “Interferência de outros familiares” ( $M=2.67$ ;  $DP=0.758$ ) e 13 - “Aceitação social da violência” ( $M=2.73$ ;  $DP=0.849$ ) são aqueles que reúnem menor

<sup>11</sup> Apesar de a amostra ser composta por alunos desde o primeiro ano de licenciatura até à pós graduação, o ano mais avançado comum a todos os cursos inquiridos era o terceiro.

<sup>12</sup> Anexo III, 1.

<sup>13</sup> Anexo III, 2.

concordância, quer por parte da amostra total, quer por parte dos subgrupos dos cursos. O fator 3 - “Valorização da união familiar” (M=2.92; DP=0.747) é também um dos que obtém uma menor média por parte da amostra total, do curso de enfermagem e do curso de serviço social, mas isso não acontece no curso de medicina, que atribui uma cotação ainda menor ao fator 10 - “Ameaça de suicídio por parte do agressor”.

**Tabela 10. Causas da violência conjugal por curso (QVC-CMR)**

Item	Enfermagem	Medicina	Serviço Social	Amostra Total
	n=62	n=79	n=172	N=313
	M (DP)	M (DP)	M (DP)	M (DP)
1	2.81 (0.865)	2.90 (0.652)	2.70 (0.750)	2.77 (0.754)
2	2.71 (0.755)	2.90 (0.590)	2.71 (0.723)	2.76 (0.702)
3	1.82 (0.820)	2.10 (0.761)	1.97 (0.801)	1.97 (0.798)
4	2.77 (0.777)	2.87 (0.723)	2.61 (0.888)	2.71 (0.833)
5	2.11 (0.889)	2.01 (0.824)	2.16 (0.870)	2.12 (0.862)
6	1.87 (0.839)	1.71 (0.754)	1.88 (0.732)	1.84 (0.761)
7	2.53 (0.987)	2.56 (0.859)	2.45 (0.867)	2.49 (0.888)
8	2.37 (0.773)	2.01 (0.855)	2.19 (0.831)	2.18 (0.832)
9	2.08 (0.836)	1.99 (0.824)	2.01 (0.765)	2.02 (0.792)
10	2.63 (0.910)	2.56 (0.843)	2.69 (0.820)	2.64 (0.843)
11	2.89 (0.791)	3.10 (0.612)	2.81 (0.819)	2.90 (0.774)
12	2.60 (0.914)	2.72 (0.861)	2.46 (0.901)	2.55 (0.898)
13	2.60 (0.858)	2.81 (0.642)	2.63 (0.816)	2.67 (0.787)
14	2.82 (0.820)	2.71 (0.719)	2.82 (0.762)	2.79 (0.763)

Quanto aos três fatores de resolução que reúnem maior concordância

Que Representações Sociais da Violência entre Parceiros Íntimos têm os estudantes de Enfermagem, Medicina e Serviço Social? O papel da formação.  
Cristiana Barcelos Costa (crisbcosta91@gmail.com) 2014

por parte da amostra geral, estes são o 5 - “Proteger a vítima e os filhos, se os houver” (M=3.72; DP=0.479), o 3 - “Estimular a denúncia das situações de violência” (M=3.70; DP=0.478) e o 14 - “Educação para a prevenção da violência logo na escolaridade obrigatória” (M=3.59; DP=0.547). Os fatores 3 e 5 estão também entre os mais apontados pelos três cursos, mas o fator 14 é substituído pelo 4 - “Estimular a separação/ divórcio do casal” em medicina e pelo 9 - “Informar mais a população geral sobre as consequências da violência conjugal” em serviço social. O total de sujeitos da amostra aponta os fatores 13 - “Educação para a prevenção da violência logo na escolaridade obrigatória” (M=2.81; DP=0.780), 12 - “Intervenção de outros familiares, amigos, vizinhos” (M=2.87; DP=0.792) e 11 - “Aumentar os tempos de lazer das famílias” (M=2.88; DP=0.828) como os menos relevantes na resolução da violência conjugal. Nos cursos de enfermagem e medicina o fator 12 é substituído pelo fator 4 - “Estimular a separação/ divórcio do casal” e no de serviço social o fator 11 é substituído pelo fator 10 - “Aumentar os direitos da mulher”.

**Tabela 11. Fatores de manutenção da violência conjugal segundo o curso (QVC-CMR)**

Item	Enfermagem	Medicina	Serviço Social	Amostra Total
	n=62	n=79	n=172	N=313
	M (DP)	M (DP)	M (DP)	M (DP)
1	3.58 (0.560)	3.59 (0.494)	3.56 (0.496)	3.57 (0.568)
2	3.35 (0.603)	3.58 (0.496)	3.37 (0.630)	3.42 (0.600)
3	2.95 (0.756)	2.95 (0.575)	2.90 (0.814)	2.92 (0.747)
4	3.06 (0.827)	3.29 (0.623)	2.97 (0.858)	3.07 (0.808)
5	3.21 (0.577)	3.35 (0.532)	3.02 (0.666)	3.14 (0.632)
6	3.06 (0.650)	3.18 (0.712)	3.02 (0.729)	3.07 (0.711)
7	3.16 (0.578)	3.43 (0.592)	2.99 (0.617)	3.14 (0.628)
8	3.26 (0.651)	3.48 (0.658)	3.27 (0.665)	3.32 (0.665)
9	3.16 (0.658)	3.03 (0.751)	3.05 (0.767)	3.07 (0.742)
10	2.98 (0.757)	2.76 (0.683)	2.99 (0.791)	2.93 (0.763)
11	3.52 (0.593)	3.43 (0.523)	3.47 (0.616)	3.47 (0.588)
12	3.32 (0.696)	3.32 (0.520)	3.35 (0.618)	3.34 (0.610)
13	2.77 (0.777)	2.72 (0.846)	2.73 (0.879)	2.73 (0.849)
14	2.84 (0.729)	2.49 (0.714)	2.69 (0.776)	2.67 (0.758)

Tabela 12. Fatores de resolução da violência conjugal segundo o curso (QVC-CMR)

Item	Enfermagem	Medicina	Serviço Social	Amostra Total
	n=62	n=79	n=172	N=313
	M (DP)	M (DP)	M (DP)	M (DP)
1	3.31 (0.561)	3.29 (0.663)	3.43 (0.631)	3.37 (0.628)
2	3.35 (0.680)	3.34 (0.618)	3.33 (0.701)	3.34 (0.675)
3	3.73 (0.485)	3.71 (0.457)	3.69 (0.488)	3.70 (0.478)
4	3.00 (0.747)	2.82 (0.730)	3.14 (0.678)	3.03 (0.715)
5	3.73 (0.485)	3.80 (0.404)	3.67 (0.506)	3.72 (0.479)
6	3.06 (0.807)	3.01 (0.870)	3.12 (0.839)	3.08 (0.839)
7	3.19 (0.765)	3.30 (0.585)	3.47 (0.616)	3.37 (0.648)
8	3.02 (0.896)	2.91 (0.788)	3.05 (0.877)	3.01 (0.859)
9	3.56 (0.532)	3.47 (0.596)	3.62 (0.543)	3.57 (0.557)
10	3.15 (0.765)	2.96 (0.741)	2.92 (0.855)	2.97 (.812)
11	2.95 (0.756)	2.65 (0.817)	2.97 (0.841)	2.88 (0.828)
12	3.08 (0.795)	2.87 (0.648)	2.79 (0.839)	2.87 (0.792)
13	2.87 (0.778)	2.86 (0.593)	2.77 (0.854)	2.81 (0.780)
14	3.68 (0.505)	3.58 (0.496)	3.57 (0.583)	3.59 (0.547)

### 4.3 Relação entre a Violência nas Relações Íntimas (CTS-2) e a Legitimação da mesma

Quisemos saber se haveria diferenças significativas entre perpetradores e não perpetradores em cada item de cada uma das três histórias. Encontrámo-las no item 10 (“É compreensível que o Arménio se passe, porque gerir o trabalho, os filhos e uma mulher que se atrasa é difícil”) da História 1 [t (161,159) = -2.835;  $p = 0.005$ ;  $d = -0.4816$ ], no item 8 (“Provavelmente a Luísa é mais agressiva com o António por causa de estar tão cansada com todo o trabalho que tem”) da História 2 [t (205) = -2.450;  $p = 0.015$ ;  $d = -0.4162$ ] e nos itens 2 (“O problema é a bebida; o Esteves só se torna agressivo por causa do vinho”) [t (205) = -1.989;  $p = 0.048$ ;  $d = -0.3379$ ], 3 (“A Deolinda devia esforçar-se por saber o que o Esteves quer para jantar, para evitar que o marido se chateie”) [t (107,314) = -2.065;  $p = 0.041$ ;  $d = -0.3508$ ] e 6 (“O Esteves anda muito preocupado,

Que Representações Sociais da Violência entre Parceiros Íntimos têm os estudantes de Enfermagem, Medicina e Serviço Social? O papel da formação.  
Cristiana Barcelos Costa (crisbcosta91@gmail.com) 2014

agora que vem aí outro filho, e isso faz com que fique mais irritado e se descontrola de vez em quando”) [t (111,435) = -2.754;  $p = 0.007$ ;  $d = -0.4679$ ] da História 3. Em todos estes casos, a média dos perpetradores é superior à dos não perpetradores<sup>14</sup>. O mesmo se quis verificar entre vítimas e não vítimas. As diferenças significativas foram encontradas no item 10 da História 1 [t (191,155) = -2.725;  $p = 0.007$ ;  $d = -0.4288$ ], no item 8 da História 2 [t (205) = -2.556;  $p = 0.011$ ;  $d = -0.4022$ ] e no item 6 da História 3 [t (147,030) = -2.413;  $p = 0.017$ ;  $d = -0.3797$ ]. Os valores mais altos de legitimação pertencem às vítimas<sup>15</sup>.

#### **4.4 Impacto da Área de Estudo e da História de Violência Familiar nas Representações Sociais da Violência entre Parceiros Íntimos**

De modo a cumprir o objetivo de perceber se a área de estudo acadêmico e a história de violência familiar têm ou não influência nas representações sociais que os indivíduos possuem acerca da violência nas relações íntimas, utilizou-se a Anova One-Way, que nos permitiu estudar o efeito de cada uma dessas variáveis independentes sobre a variável dependente (Maroco, 2007).

Quanto tal se revelou necessário, ou seja, sempre que se verificou existirem diferenças estatisticamente significativas, foi calculada, à *posteriori*, a comparação múltipla de médias, através do teste de *Bonferroni*.

##### **4.4.1 Influência da área de estudo<sup>16</sup>**

Os resultados obtidos revelam que apenas na História 2 as médias diferem de forma significativa em função do curso frequentado pelos sujeitos ( $F=4.587$ ;  $p=0.011$ ;  $f = 0.029$ ).

Através do teste *post-hoc* podemos perceber que essa diferença ( $p=0.008$ ) se encontra entre os cursos de enfermagem ( $M=12.79$ ;  $DP= 3.992$ ) e de serviço social ( $M=14.81$ ;  $DP=4.633$ ), estando a maior legitimação da violência do lado deste último curso.

##### **4.4.2 Influência da história familiar de violência<sup>17</sup>**

Realizadas Anovas One-way com as respostas dos sujeitos em relação a terem ou não assistido a violência física e/ou verbal entre os seus pais/cuidadores ou sido vítimas de violência física, verbal e/ou sexual por parte destes durante a sua infância e/ou adolescência, as diferenças significativas foram encontradas apenas na questão “Durante a infância e adolescência, alguma vez testemunhou entre os seus pais/cuidadores abusos físicos com agressões?”. As respostas dos sujeitos da amostra a esta questão resultaram em diferenças significativas na História 2 ( $F=3.627$ ;  $p=0.028$ ;  $f =$

<sup>14</sup> Anexo III, 3.

<sup>15</sup> Anexo III, 4.

<sup>16</sup> Anexo III, 5.

<sup>17</sup> Anexo III, 6.

0.023), na História 3 ( $F=3.486$ ;  $p=0.032$  ;  $f = 0.022$ ) e no Total das Histórias ( $F=3.415$ ;  $p=0.034$ ;  $f = 0.022$ ).

O teste de *Bonferroni* revela que essas diferenças se encontram entre os sujeitos que responderam “Sim, mas raramente” e aqueles que responderam “Sim, com grande frequência”, quer na História 2 ( $p=0.023$ ), como na 3 ( $p=0.036$ ), como no Total ( $p=0.030$ ), sendo que são os primeiros aqueles que apresentam uma média superior.

## V – Discussão

Aqui serão discutidos os resultados apresentados na secção anterior, tendo em conta os objetivos definidos para este estudo, bem como a literatura já existente sobre o assunto em questão. Procuraremos entender se as conclusões a que os presentes dados nos levam vão ou não de encontro às conclusões tiradas em investigações anteriores.

Porém, é importante notar que este é um estudo exploratório, pelo que todas as reflexões e hipóteses apresentadas serão apenas possíveis leituras dos resultados obtidos podendo, portanto, a sua generalização para a população em geral apresentar alguns riscos. Ainda assim, acreditamos que as conclusões daqui retiradas poderão representar informações importantes para a área em estudo.

### 5.1 Violência entre Parceiros Íntimos (CTS-2)

Importa começar por referir que a quase totalidade dos sujeitos da nossa amostra que se encontram atualmente numa relação relata recorrer à negociação emocional e cognitiva, o que sugere a sua boa capacidade para a resolução adequada dos conflitos que surgem nesta e a desaprovação da violência por parte destes (Glass et al., 2003, citado em Ávila, 2013).

Contudo, estes mesmos sujeitos não deixam de pontuar positivamente (e com valores altos) em algumas formas de agressão, sobretudo na agressão psicológica ligeira, da qual uma grande maioria dos indivíduos relata ser não só perpetrador como também vítima.

Com valores mais baixos, mas ainda assim elevados, encontramos a agressão psicológica severa, o abuso físico sem sequelas ligeiro e a coerção sexual ligeira.

Estes resultados vão de encontro a outros estudos realizados com jovens portugueses. Machado et al. (2003) e Machado, Caridade e Martins (2010) também encontraram valores elevados de perpetração dos chamados atos de pequena violência (por exemplo a bofetada, o puxão de cabelo, o empurrão, os insultos ou as ameaças). Tal como estes autores referem, estes valores associados aos dados que mostram que a violência tende a escalar em frequência e severidade ao longo do tempo (Wekerle and Wolfe, 1999), e que a violência no namoro é muitas vezes preditiva da violência conjugal (Hamby, 1998), devem ser uma preocupação e um alerta para a necessidade de que algo seja feito no sentido de prevenir estas situações. Paiva e

Figueiredo (2004), no seu estudo acerca da prevalência do abuso no relacionamento íntimo em jovens adultos portugueses, encontraram igualmente valores altos de perpetração e de vitimização na agressão psicológica (53.8-50.8%), na coerção sexual (18.9-25.6%) e no abuso físico sem sequelas (16.7-15.4%).

No presente estudo, em todas estas escalas, as percentagens de prevalência são muito superiores às encontradas por estas autoras. Tendo em conta as semelhanças entre a amostra utilizada por estas e a utilizada aqui, não encontramos justificação para tais diferenças. Contudo, os valores por nós encontrados assemelham-se mais aos relatados no estudo de Ávila, que constam de 2013 e que são, portanto, mais recentes e igualmente referentes a estudantes do ensino superior. Ainda assim, os resultados encontrados por esta autora continuam a ser inferiores aos aqui descritos. O mesmo acontece ainda em comparação aos resultados de Vieira (2013).

À semelhança do que acontece nos estudos supra referidos, as formas de violência mais graves não deixam de estar presentes, mesmo que em números mais reduzidos. Além disso, também na escala de abuso físico com sequelas a prevalência da presente amostra se revelou superior à encontrada por Paiva e Figueiredo (2004) e por Vieira (2013).

De referir ainda que, na prevalência, os valores da perpetração e da vitimização são sempre muito semelhantes em todas as escalas, tal como Paiva e Figueiredo (2004), Oliveira e Sani (2005) e Ávila (2013) haviam já constatado. Uma vez que a grande maioria da amostra é composta por indivíduos do sexo feminino, e como grande parte da literatura defende que as mulheres são muito mais vezes vítimas de violência nas relações íntimas do que os homens, poderia esperar-se encontrar valores de vitimização bem mais elevados que os de perpetração. Porém, isso não acontece, indo assim os nossos resultados de encontro ao que Anacleto et al. (2009) encontraram: o mesmo número de atos de violência cometidos por mulheres quanto por homens. Como citados por estes autores, Whitaker et al. (2007), ao analisarem dados sobre a violência entre parceiros íntimos na população dos 18 aos 28 anos nos Estados Unidos, verificaram que em 24% dos relacionamentos existia algum tipo de violência e que, em 50% desses casos, os atos eram recíprocos entre homem e mulher. Além disso, os mesmos autores perceberam, através dos dados que obtiveram, que quando não existia reciprocidade, as mulheres eram as agressoras em 70% dos casos. Uma das explicações apontadas para estas observações é a subestimação da violência praticada por mulheres para com os seus parceiros, principalmente no que diz respeito à agressão psicológica, muitas vezes socialmente aceite. Além disso, as investigações que apontam para os homens como principais perpetradores referem-se sobretudo à violência física e severa (Winstead, Derlega & Rose, 1997, citado em Machado et al. 2003). Como Straus (1999) nos mostra, as diferenças entre sexos deixam de ser notáveis quando se avalia a pequena violência. Machado et al. (2003) também não encontraram diferenças na perpetração entre indivíduos do sexo masculino e feminino.

Na mesma linha de resultados, Casimiro (2002) ao estudar as representações sociais da violência conjugal com mulheres de distintas classes sociais, não encontrou consenso acerca de qual o sexo

principalmente perpetrador de violência nas relações. Nesse estudo distinguiram-se um grupo de mulheres que considerou serem os homens os principais agressores, sobretudo quando se trata de violência física, de outro maior, que admitiu a reciprocidade da violência entre cônjuges.

## **5.2 Representações Sociais da Violência Conjugal (QRVC-HIS e QVC-CMR)**

A história mais legitimada é a História 2, o que provavelmente está relacionado com o facto de, nesta, a violência se dar entre idosos e ser perpetrada pela mulher. Esta é também a hipótese avançada por Paiva (2010), em cujo estudo a História 2 foi também aquela que obteve valores mais altos, tal como no estudo de Vieira (2013). Se tivermos em conta essa explicação, então os nossos dados vão de encontro aos de Carlson e Worden (2005, citado em Paiva, 2010), que apontaram para uma menor perceção da violência física enquanto violência conjugal quando esta era perpetrada pela mulher. Existem ainda autores (Kantor & Jasinski, 1998, citado em Paiva, 2010) que defendem que o risco de violência conjugal diminui com o avançar da idade.

Ainda assim, importa referir que em todas as histórias é notável a baixa legitimação da violência por parte dos respondentes, resultados que vão de encontro aos de Machado et al. (2003) e aos de Vieira (2013).

No entanto, alguns dos itens mais pontuados refletem a presença de alguns mitos nas crenças destes estudantes do ensino superior. Segundo Manita et al. (2009), embora nos dias de hoje seja quase consensual que a violência conjugal deve ser condenada, existem alguns preconceitos e mitos que se encontram profundamente enraizados na nossa cultura/sociedade e que dificultam não só a denúncia destes casos como também a intervenção nos mesmos. Esses mitos e estereótipos acerca da violência conjugal acabam também por se entranhar nas vítimas deste problema, impedindo-as de reagir ou pedir ajuda.

Veja-se na História 1. O item “A Manuela e o Arménio são adultos responsáveis e devem resolver os problemas da violência ‘entre portas’, sem trazer a público estas questões privadas” vai de encontro ao mito “Entre marido e mulher não se mete a colher”. Este provérbio popular reflete a crença socialmente difundida durante décadas de que a violência conjugal é algo privado na qual apenas o casal deve interferir, e que contraria a conceção atual da violência conjugal, tornada crime público (Manita et al., 2009).

Na História 2, o item “Como pessoa do campo e com pouca escolaridade, é bem provável que a Luísa resolva as coisas pela força e não pela conversa” vai de encontro à perigosa crença de que este género de violência só ocorre nos estratos socioeconómicos mais desfavorecidos. Como Manita et al. (2009) explicam, vítimas e agressores são provenientes de qualquer estrato socioeconómico, e a violência nas relações íntimas é transversal aos diferentes padrões culturais, religiosos, económicos e profissionais.

Na História 3, o item “O problema é a bebida; o Esteves só se torna agressivo por causa do vinho” equivale ao mito de que a violência nas relações íntimas só ocorre sob o efeito do álcool ou de drogas. Apesar de os consumos se poderem muitas vezes associar à violência, não podem ser considerados a causa da mesma, apenas facilitadores desta, pois existem agressores que não consomem qualquer tipo de substâncias, a maioria dos perpetradores agride sóbrio e a maioria dos consumidores não são agressores (Manita et al., 2009).

Segundo Moscovici (1972), as representações sociais integram os mitos e crenças. Além disso, formam e orientam os comportamentos e interações humanas, auxiliam a resolução de problemas e modelam as relações sociais.

Outros dois itens que receberam das pontuações mais altas nas respetivas histórias foram “Se o Arménio anda mais nervoso por causa do trabalho, é provável que descarregue a sua tensão sobre a Manuela” e “Provavelmente a Luísa é mais agressiva com o António por causa de estar tão cansada com todo o trabalho que tem”. A legitimação destas frases parece demonstrar que os sujeitos da nossa amostra consideram a violência mais justificável em situações de stress e cansaço causados pelo trabalho. Casimiro (2002) encontrou em mulheres de uma franja social privilegiada uma atribuição das causas da violência conjugal maioritariamente centrada nas tensões da vida moderna, mais do que a causas como o alcoolismo ou problemas psicológicos. Se tivermos em conta que enfermagem, medicina e serviço social são profissões exigentes e cansativas, então torna-se preocupante que os estudantes destas áreas considerem que tal justifica a recorrência à violência.

Na observação das médias dos diferentes cursos em cada história verificou-se que são os estudantes de serviço social aqueles que obtêm sempre os valores mais altos, o que poderá indicar que são estes, dos três cursos estudados, aqueles que mais legitimam a violência nas relações íntimas. Estes resultados vêm contrariar os obtidos por Machado et al. (2003), pois este autor encontrou valores de legitimação da violência bastante superiores em estudantes de ciências exatas por comparação aos cursos de ciências sociais.

Um dos objetivos a que nos propusemos neste estudo foi perceber se, com a formação recebida ao longo do curso, ocorriam diferenças nas crenças em torno da violência nas relações íntimas. Para tal, pensou-se comparar os resultados dos estudantes do primeiro ano de cada curso com os resultados dos estudantes do último ano de cada curso. No entanto, tal não se revelou viável, dado o diferente número de anos que cada curso possui, bem como as discrepâncias entre o número de alunos do primeiro ano e o número de alunos do último ano a responderem a esta investigação. Procedeu-se assim à comparação dos resultados dos alunos do primeiro ano com os do terceiro, por ser este o ano mais avançado comum aos três cursos em questão. Em nenhuma das histórias foram encontradas diferenças significativas, o que parece indicar que a formação recebida nos cursos de enfermagem, medicina e serviço social não influencia as representações sociais da violência entre parceiros íntimos dos alunos. Não será, contudo, uma conclusão a

generalizar, pois quando esta comparação é feita entre anos mais díspares, como a realizada no estudo de Machado et al. (2003), encontram-se outras tendências. Estes investigadores comparam o primeiro e segundo anos com o quarto e quinto anos e identificaram uma diminuição da legitimação da violência com o avançar da formação, tal como Matos & Silva (2001, citado em Machado et al., 2003) já tinham encontrado e Paiva (2010) voltou a encontrar. Na leitura compreensiva desta evolução encontramos não só a maturação, devida à idade, como também o impacto da saída de casa e da descoberta de novas ideias, novas pessoas e novas formas de pensar (Machado et al., 2003). Outra justificação possível, principalmente para determinados cursos como o de Psicologia, poderá ainda estar na formação académica que vão recebendo ao longo do curso e que aumenta a sensibilidade e a postura crítica dos alunos em relação a esta problemática (Paiva, 2010).

O mesmo não aconteceu com os sujeitos que receberam ou participaram em formações acerca da violência entre parceiros íntimos, pois estes apresentam valores de legitimação da violência conjugal estatisticamente inferiores àqueles que não receberam ou participaram neste tipo de formação. Estas diferenças poderão ser uma pista importante para a importância deste género de iniciativas, apesar de os valores da magnitude do efeito indicarem que este é pequeno e que, portanto, essa influência se faz sentir de uma forma pouco relevante (Loureiro & Gameiro, 2011). Note-se ainda que uma larga maioria (n=242) dos respondentes nunca tiveram formação acerca da violência entre parceiros íntimos, o que já tinha sido verificado por Vicente e Vieira (2009) no seu estudo com estudantes de medicina.

Ao analisar os resultados do QVC-CMR, e tendo em conta os itens com maior e menor grau de concordância na amostra geral e nos subgrupos da área de formação dos sujeitos, destacam-se, nas causas, “Antecedentes de violência na família de origem do agressor e/ou da vítima”, “Dificuldades económicas do casal/família” e “Consumos de álcool ou drogas por parte do agressor”. As principais causas apontadas em cada curso vão de encontro a estas, sendo que medicina e serviço social apontam também para a causa “Doença mental do Agressor”.

Em relação aos antecedentes de violência na família de origem, aquilo que a literatura nos diz, através da teoria intergeracional da violência, é que a experiência de vitimização na infância propicia a sua perpetuação na idade adulta (Straus et al., 1994, citado em Paiva, 2010; Matos, 2003, citado em Paiva, 2010), sendo que esta continua a ser aceite como uma das principais causas da violência conjugal (Widom, 1989, citado em Paiva, 2010).

Gelles e Cornell (1990, citado em Paiva, 2010) referem que as dificuldades económicas causam frustrações e stress ao nível individual e podem, efetivamente, levar à violência.

Quanto ao consumo de álcool ou drogas, também referido nos estudos de Correia (2008), Camelo (2009) e Aguilar (2010) como uma causa muito apontada, este tem sido frequentemente apontado como um fator de risco para a conduta violenta (Rapoza & Baker, 2008, citado em Paiva, 2010), e Hotaling e Sugarman (1986, citado em Paiva, 2010) concluíram mesmo que

Que Representações Sociais da Violência entre Parceiros Íntimos têm os estudantes de Enfermagem, Medicina e Serviço Social? O papel da formação.  
Cristiana Barcelos Costa (crisbcosta91@gmail.com) 2014

existe uma relação entre o consumo de álcool e a violência. Porém, esta também se dá em casais nos quais não existem consumos.

No que respeita à doença mental do agressor, esta causa tem sido estudada e existem autores que encontram efetivamente uma relação entre desordens psiquiátricas e violência conjugal (Browne & Herbert, 1997, citado em Paiva, 2010). Todavia, Hotaling e Sugarman (1986, citado em Paiva, 2010) assumem muitas dúvidas nesta relação causal.

No que diz respeito aos fatores de manutenção da violência conjugal, os principais apontados pelos sujeitos deste estudo foram “Ausência de denúncia por parte da vítima ou de terceiros”, “Promessas de mudança por parte do agressor” e “Falta de confiança na eficácia da justiça”. Os alunos de enfermagem cotaram também o fator “Ternura do agressor fora dos momentos de violência” e os de medicina o fator “Medo de retaliações por parte da vítima”.

Segundo Matos (2003, citado em Paiva, 2010), as mulheres vítimas de violência convencem-se de que não têm controlo sobre o que lhes acontece, daí o seu silêncio e conseqüente dificuldade de mudança. Além desse motivo, existe ainda o enorme medo que estes indivíduos têm das retaliações e das pressões sociais (Dias, 2004).

As promessas de mudança por parte do agressor surgem na chamada “fase de lua de mel” do ciclo de violência, tal como a ternura, e fazem com que a vítima alimente a esperança de que o agressor mude, desculpabilizando os seus comportamentos violentos (Manita e tal., 2009).

Root (1992, citado em Paiva, 2010) explica a falta de confiança na justiça, tal como nos outros e na sociedade em geral, como uma possível conseqüência do trauma.

Quanto aos fatores de resolução que reúnem maior concordância por parte da amostra geral, são “Proteger a vítima e os filhos, se os houver”, “Estimular a denúncia das situações de violência” e “Educação para a prevenção da violência logo na escolaridade obrigatória”.

Tendo em conta que um dos fatores mais apontados pelos sujeitos como levando à manutenção da violência foi a ausência de denúncia, torna-se claro o realce dado à necessidade de denunciar estas situações de forma a quebrar o ciclo da violência, como de resto já Paiva (2010) tinha referido.

Em relação ao último fator de resolução, os autores Mendes e Cláudio (2010) estão de acordo, e defendem que é essencial a intervenção junto dos jovens que se encontram a iniciar as suas primeiras relações, reforçando a desmistificação das crenças que legitimam este género de comportamento de modo a que esta camada da população se possa consciencializar da seriedade e das conseqüências deste problema. Além disso, são já vários os estudos que relatam que 20% a 50% dos adolescentes estão envolvidos em relações onde existe algum tipo de violência, como por exemplo o de Connolly e Josephson (2007). Paiva (2010) avança ainda uma outra hipótese que parece plausível também para este estudo: uma vez que os respondentes deste estudo são em grande parte jovens adultos, o facto de referirem este fator como um dos mais importantes para pôr termo à violência nas relações pode ser o reflexo de uma lacuna sentida por eles próprios de informação nas escolas acerca da violência no namoro e da violência conjugal.

“Estimular a separação/ divórcio do casal” é também apontado em medicina e “Informar mais a população geral sobre as consequências da violência conjugal” em serviço social.

Todos os fatores aqui referidos foram, do mesmo modo, os mais escolhidos como principais pela amostra de Paiva (2010), Aguilar (2010) e Vieira (2013). Tal como Paiva (2010) concluiu, as causas da violência conjugal são atribuídas, pelos estudantes do ensino superior, ao agressor e a fatores sociais e culturais; a manutenção desta situação é atribuída sobretudo à vítima; e a resolução, segundo estes jovens, passa pela denúncia, pela proteção da vítima e dos filhos e pela sensibilização/educação dos jovens nas escolas.

### **5.3 Relação entre a Violência nas Relações Íntimas (CTS-2) e a Legitimação da mesma**

Ao explorarmos se haveria diferenças significativas entre perpetradores e não perpetradores em cada item de cada uma das três histórias, fomos encontrá-las no item “É compreensível que o Arménio se passe, porque gerir o trabalho, os filhos e uma mulher que se atrasa é difícil” da História 1, no item “Provavelmente a Luísa é mais agressiva com o António por causa de estar tão cansada com todo o trabalho que tem”, da História 2 e nos itens “O problema é a bebida; o Esteves só se torna agressivo por causa do vinho”, “A Deolinda devia esforçar-se por saber o que o Esteves quer para jantar, para evitar que o marido se chateie” e “O Esteves anda muito preocupado, agora que vem aí outro filho, e isso faz com que fique mais irritado e se descontrolo de vez em quando” da História 3. Em todos estes casos, a média dos perpetradores é superior à dos não perpetradores, fazendo-nos crer que a legitimação da violência nas relações íntimas está relacionada com a prática da mesma.

Ao explorarmos a mesma questão com vítimas e não vítimas, diferenças significativas foram encontradas no item “É compreensível que o Arménio se passe, porque gerir o trabalho, os filhos e uma mulher que se atrasa é difícil” da História 1, no item “Provavelmente a Luísa é mais agressiva com o António por causa de estar tão cansada com todo o trabalho que tem” da História 2 e no item “O Esteves anda muito preocupado, agora que vem aí outro filho, e isso faz com que fique mais irritado e se descontrolo de vez em quando” da História 3. Os valores mais altos de legitimação pertencem às vítimas, levando-nos a acreditar que o facto de estes sujeitos estarem sujeitos à violência por parte dos seus parceiros íntimos os leva a legitimar mais este tipo de violência.

Contudo, de um modo geral, aquilo que se verifica na presente amostra é que há uma baixa legitimação da violência nas relações íntimas e, ainda assim, uma elevada perpetração da mesma, ainda que sob formas mais ligeiras. Esta incongruência parece ser transversal aos estudos portugueses neste tema, pois Machado, Gonçalves, Matos, e Dias (2007) e Machado et al. (2010) relatam o mesmo fenómeno nos seus estudos. Tal poderá explicar-se, em sociedades tradicionais como é Portugal, pela rápida transformação a que se vêm sujeitas pelos meios de comunicação social, pela evolução na

educação e pela globalização (Machado et al., 2007).

Vieira (2013), por sua vez, não encontrou diferenças significativas entre perpetradores e não perpetradores na legitimação da violência. Contudo, à exceção da História 2, encontrou valores mais elevados por parte dos não perpetradores. Já no caso das vítimas, e apesar de também aí não ter encontrado diferenças estatisticamente significativas, os seus resultados vão de encontro aos aqui apresentados, com as vítimas a legitimarem mais que as não vítimas.

Acerca deste fenómeno, Vieira (2013) diz-nos que a aceitação e/ou tolerância da violência entre parceiros íntimos, seja ela por parte de agressores ou de vítimas, advém de crenças erróneas acerca desta, como por exemplo a banalização da pequena violência ou a sua legitimação por fatores externos, como seja o álcool. Esta autora acrescenta que a legitimação deste género de violência por parte dos sujeitos vítimas poderá relacionar-se com um desinteresse deste em relação aos comportamentos violentos e à possibilidade de tais relações permanecerem violentas no futuro. Por outro lado, poderá indicar que estes indivíduos consideram a utilidade deste género de condutas em determinadas situações.

Por fim, importa referir que as diferenças que encontrámos e que aqui referimos como significativas revelaram valores de magnitude indicativos de um efeito pequeno, e que portanto, na prática, é pequena a influência que a perpetração e a vitimização exercem nas diferenças verificadas em cada item aqui apresentado (Loureiro & Gameiro, 2011).

#### **5.4 Impacto da Área de Estudo e da História de Violência Familiar nas Representações Sociais da Violência entre Parceiros Íntimos**

Encontrámos, na História 2, diferenças significativas em função do curso frequentado pelos sujeitos. Mais concretamente, identificámos que os respondentes do curso de serviço social apresentavam valores de legitimação da violência entre parceiros íntimos significativamente superiores aos respondentes de enfermagem. Também Mendes e Cláudio (2010) verificaram que estes últimos eram aqueles que menos legitimavam a violência por comparação aos alunos de engenharia. Os autores apontam, como explicação dos baixos valores de legitimação da violência entre parceiros íntimos por parte dos estudantes de enfermagem, para a possibilidade de esta temática estar presente nos seus planos curriculares e/ou de estes terem contacto com vítimas no seu estágio curricular. Contudo, a magnitude do efeito na diferença por nós verificada é quase nula.

Por fim, quisemos ainda conhecer o impacto que a história de violência familiar da infância e da adolescência dos sujeitos da amostra tinha nas representações sociais da violência entre parceiros íntimos dos mesmos. Descobrimos que aqueles que à questão “Durante a infância e adolescência, alguma vez testemunhou entre os seus pais/cuidadores abusos físicos com agressões?” responderam “Sim, mas raramente” obtiveram uma média significativamente superior nas Histórias 2 e 3 e no Total das Histórias, em relação aos que responderam “Sim, com grande frequência”. Estes

resultados parecem-nos porém pouco significativos para que possamos confirmar os dados da OMS (2012) que apontam para a existência de relação entre estas variáveis, ou mesmo os de Ávila (2013) que sugerem antes a inexistência da mesma, até porque os valores da magnitude do efeito revelaram que este é quase nulo.

## VI – Conclusões

A violência entre parceiros íntimos, na sua abrangente aceção, é um fenómeno que só recentemente começou a ser estudado e no qual há ainda um longo caminho a percorrer. Trata-se de uma problemática que afeta um grande número de indivíduos, não só a nível nacional como internacional, condicionando gravemente as suas vidas, pelo que o trabalho de consciencialização e prevenção desta se torna muito pertinente.

Desde que se tornou um crime público, a denúncia deste tipo de violência e o auxílio e encaminhamento das suas vítimas passaram a ser da responsabilidade de cada cidadão que tome conhecimento destas situações. Neste sentido, é fulcral que os profissionais de áreas como a enfermagem, a medicina e o serviço social, a quem estas vítimas recorrem frequentemente em busca de ajuda, estejam devidamente informados e preparados para prestar essa assistência, garantindo o bem-estar dos indivíduos não só no momento em que os atendem como a longo prazo. Para tal é necessário que, enquanto ainda alunos do ensino superior, os estudantes destas áreas recebam formação que os permita estar preparados para o atendimento às vítimas, não só a nível técnico como a nível das suas crenças, valores e representações sociais.

Com a presente investigação pretendemos assim conhecer as representações sociais da violência entre parceiros íntimos que possuíam alunos das referidas áreas de estudo, bem como a influência dos seus comportamentos nas suas relações íntimas e da sua formação nessas mesmas crenças.

No que diz respeito aos comportamentos violentos, percebeu-se que um grande número destes estudantes do ensino superior perpetra e é vítima de agressões nas suas relações íntimas, agressões estas que vão desde a agressão psicológica ligeira ao abuso físico com sequelas severo, embora este último com valores menores. Apesar de estas conclusões irem de encontro às de investigações anteriores, os valores encontrados nesta amostra foram superiores a todos os encontrados na literatura revista. Estamos perante dados preocupantes, que remetem para a necessidade e pertinência de uma intervenção precoce que permita a prevenção destas condutas nos jovens e que os leve a refutar os fundamentos culturais que as mantêm. Tal prevenção deverá passar não só pelo ensino como pela própria família.

Este estudo veio confirmar aquilo que tem já vindo a ser demonstrado em relação à legitimação da violência entre parceiros íntimos por parte dos jovens em geral e dos estudantes do ensino superior mais em concreto: esta

população tende a não legitimar este género de violência. Contudo, têm ainda presentes alguns mitos enraizados na cultura/sociedade portuguesa.

A formação acerca da violência entre parceiros íntimos apresentou-se como um fator que propicia a baixa legitimação deste tipo de violência, pelo que cremos que as instituições de ensino deveriam apostar neste género de iniciativas e inseri-las nos planos curriculares, de forma a garantir a melhor preparação académica possível dos seus alunos, e mesmo prevenir estas questões nas próprias vidas dos seus alunos.

Quanto às diferenças entre anos de formação, apesar de a literatura mostrar que os alunos de anos mais avançados legitimam menos a violência que os dos primeiros anos de curso, aqui não foram encontradas diferenças significativas. A explicação estará provavelmente na comparação de anos pouco díspares.

À semelhança do que tem sido defendido ao longo dos tempos, concluímos que perpetradores e vítimas legitimam mais a violência nas relações íntimas que os não perpetradores e as não vítimas. Tendo em conta que a grande maioria dos respondentes desta investigação são perpetradores e ao mesmo tempo vítimas de violência nas suas relações, tenderão a legitimar mais estas situações, o que poderá ser um entrave ao melhor atendimento prestado a vítimas com que venham a contactar.

A literatura é controversa no que diz respeito à influência da história de violência familiar, na infância e adolescência, nas representações sociais da violência entre parceiros íntimos. Acerca desta questão a única conclusão aqui retirada é de que os indivíduos que raramente assistiram a violência física entre os pais/cuidadores legitimam mais este género de situações do que aqueles que as presenciaram frequentemente. Cremos, contudo, que esta questão terá de ser mais explorada, com mais dados e/ou outras análises, para que conclusões possam ser alcançadas.

### **6.1 Limitações do Estudo e Investigações Futuras**

Identificamos algumas limitações no nosso estudo, pelo que importa referi-las e tê-las em conta na leitura dos resultados.

Uma grande parte dos questionários foram preenchidos online, o que inviabilizou o esclarecimento de dúvidas, podendo isto ter levado a que algumas questões fossem respondidas sem a sua plena compreensão.

A grande discrepância entre o número de respondentes do sexo feminino e do sexo masculino poderá ter enviesado os resultados.

Apesar de constarem na amostra respondentes de todas as zonas do país, as regiões do Alentejo e do Algarve estão representadas por muito poucos sujeitos. Uma representação mais equilibrada do país seria aconselhável.

O facto de a licenciatura em serviço social ser de três anos, a de enfermagem ser de quatro e a de medicina de seis inviabilizou a comparação de um ano final comum aos três cursos. Consideramos que tal se poderia solucionar incluindo alunos em mestrado na amostra.

Acrescenta-se a necessidade da avaliação da desajustabilidade social, uma vez que se trata de um questionário que remete para questões muito

íntimas, pessoais e que poderão influenciar as respostas dos sujeitos impedindo que determinadas condutas e representações sociais se fizessem notar.

Apesar de esta ser uma área cada vez mais explorada, notamos que a nível nacional existe ainda uma visão pouco integrada das diferentes conclusões a que se vai chegando. É nesse sentido que acreditamos que investigações futuras se devem direccionar, tentando responder a questões como o contexto em que se dão os abusos, a violência em relações homossexuais e a violência vivida pelos homens.

No âmbito das representações sociais da violência entre parceiros íntimos cremos que seria, também, importante estudá-las em jovens não estudantes, em pais e professores, elementos através dos quais o papel da prevenção passa impreterivelmente.

## Bibliografia

Agarwal, B., & Panda, P. (2007). Toward freedom from domestic violence: The neglected obvious. *Journal of human development*, 8 (3), 359-388. Retirado a 13 de julho de 2014 de [http://www.binaagarwal.com/downloads/apapers/Towards%20freedom%20from%20domestic%20violence\\_2007.pdf](http://www.binaagarwal.com/downloads/apapers/Towards%20freedom%20from%20domestic%20violence_2007.pdf)

Aguilar, R. (2010). *Representações sociais em torno da violência conjugal: Estudo de validação do Questionário de Violência Conjugal – Histórias (QRVC-HIS) e do Questionário de Violência Conjugal – Causas, Manutenção e Resolução (QVC-CMR) com uma amostra da população geral* (Dissertação de mestrado não publicada). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal. Retirado a 17 de março de 2014 de <http://hdl.handle.net/10316/15414>

Alexandra, C., & Figueiredo, B. (2006). Versão portuguesa das "Escala de Táticas de Conflito Revisadas": estudo de validação. *Psicologia: Teoria e Prática*, 8(2) 14-39. Retirado de <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=193818634001>

Almeida, S. (2001). A Violência Conjugal. In L. Ferreira da Silva, *Ação Social na Área da Família* (pp.253-277). Lisboa: Universidade Aberta.

Anacleto, A.J., Njaine, K., Longo, G.Z., Boing, A.F., & Peres, K.G. (2009). Prevalência e fatores associados à violência entre parceiros íntimos: um estudo de base populacional em Lages, Santa Catarina, Brasil, 2007. *Cadernos de Saúde Pública*, 25(4), 800-808. Retirado a 01 de dezembro de 2013, de [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X2009000400011&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2009000400011&lng=pt&tlng=pt). 10.1590/S0102-311X2009000400011

Ávila, A. (2013). *Violência entre Parceiros Íntimos: análise da relação com o consumo de drogas e álcool numa amostra de estudantes do*

Que Representações Sociais da Violência entre Parceiros Íntimos têm os estudantes de Enfermagem, Medicina e Serviço Social? O papel da formação. Cristiana Barcelos Costa (crisbcosta91@gmail.com) 2014

*ensino superior* (Dissertação de mestrado não publicada). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal. Retirado a 17 de junho de 2014 de <http://hdl.handle.net/10316/24851>

Camelo, A. (2009). *Representações sobre a violência conjugal. Estudo exploratório com uma amostra de profissionais da CPCJ* (Dissertação de mestrado não publicada). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

Canelas, M.P.P. (2008). *Violência doméstica contra as mulheres: relação entre os valores dos profissionais de saúde e a motivação para fazer uma abordagem diferenciada às vítimas.* (Dissertação de mestrado não publicada). UAlg-Teses, Portugal. Retirado de <http://hdl.handle.net/10400.1/637>

Caridade, S., & Machado, C. (2006). Violência na intimidade juvenil: Da vitimação à perpetração. *Análise Psicológica*, 4(XXIV), 485-493. Retirado a 11 de fevereiro de 2014 de <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/aps/v24n4/v24n4a04.pdf>

Casimiro, C. (2002). Representações sociais de violência conjugal. *Análise Social*, 603-630. Retirado a 25 de novembro de 2013 de <http://www.jstor.org/discover/10.2307/41011688?uid=2134&uid=2&uid=70&uid=4&sid=21103365025361>

Connolly, J., & Josephson, W. (2007). Aggression in adolescent dating relationships: predictors and prevention. *The Prevention Researcher*, 14, 3-5. Retirado a 13 de julho de 2014 de [http://www.tpronline.org/article.cfm/Aggression\\_in\\_Adolescent\\_Dating\\_Relationships](http://www.tpronline.org/article.cfm/Aggression_in_Adolescent_Dating_Relationships)

Correia, A.T. (2008). *Crenças em torno da violência conjugal: Estudo exploratório junto de advogados, magistrados, auditores de justiça e estudantes de direito* (Dissertação de mestrado não publicada). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

Dias, I. (2004b). Violência sobre as mulheres e os idosos. *Psychologica*, 36, 33-61.

Gonçalves, A.S. (2004). *A violência doméstica contra as mulheres enquanto problema de saúde pública: as representações sociais dos profissionais de saúde portugueses face a esta questão.* (Dissertação de mestrado não publicada). Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

Leal, S.M.C., Lopes, M.J.M., & Gaspar, M.F.M. (2011). Representações sociais da violência contra a mulher na perspetiva da enfermagem. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 15(37), 409-424. Epub 29 de abril de 2011. Retirado a 24 de novembro de 2013, de [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-32832011000200007&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832011000200007&lng=pt&tlng=pt). 10.1590/S1414-32832011005000012

Loureiro, L., & Gameiro, M. (2011). Interpretação crítica dos resultados estatísticos: para lá da significância estatística. *Revista de Enfermagem Referência*, 3(3), 151-162.

Machado, C., Caridade, S., & Martins, C. (2010). Violence in juvenile Que Representações Sociais da Violência entre Parceiros Íntimos têm os estudantes de Enfermagem, Medicina e Serviço Social? O papel da formação. Cristiana Barcelos Costa (crisbcosta91@gmail.com) 2014

dating relationships self-reported prevalence and attitudes in a Portuguese sample. *Journal of Family Violence*, 25(1), 43-52.

Machado, C., Gonçalves, M.M., Matos, M., & Dias, A. R. (2007). Child and partner maltreatment: Self-reported prevalence and attitudes in the North of Portugal. *Child Abuse and Neglect*, 31, 657–670. Retirado a 13 de julho de 2014 de [http://www.childhealthresearch.eu/research/add-knowledge/TEST%20Test\\_child%20abuse%20in%20portugal.pdf/at\\_download/file](http://www.childhealthresearch.eu/research/add-knowledge/TEST%20Test_child%20abuse%20in%20portugal.pdf/at_download/file).

Machado, C., Matos, M., & Moreira, A.I. (2003). Violência nas relações amorosas: Comportamentos e atitudes na população universitária. *Psychologica*, 33, 69-83.

Manita, C., Ribeiro, C., & Peixoto, C. (2009). *Violência doméstica: Compreender para Intervir, Guia de Boas Práticas para Profissionais de Saúde*. Lisboa. Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género.

Maroco, J. (2007). *Análise estatística: com utilização do SPSS*. (3ª Ed.). Lisboa: Sílabo.

Matos, T., & Cláudio, V. (2010). Crenças acerca da violência doméstica em diferentes classes profissionais ligadas à elaboração e execução da legislação em vigor. In C. Nogueira, et al. (Eds.), *Atas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia*, (pp. 3205-3218). Braga: Universidade do Minho. Retirado de <http://hdl.handle.net/10400.12/1538>

Mendes, E., & Cláudio, V. (2010). Crenças e atitudes dos estudantes de enfermagem, engenharia e psicologia acerca da violência doméstica. In C. Nogueira, et al. (Eds.), *Atas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia*, (pp. 3219-3230). Braga: Universidade do Minho. Retirado de <http://hdl.handle.net/10400.12/1539>.

Moscovici, S. (1972). *Introduction à la psychologie sociale*. Vol I: livres sciences humaines et sociaux. Paris: Librairie Larousse.

Moscovici, S. (2000). *Social representations: explorations on social psychology*. Cambridge: Polity Press.

Nascimento, F. (2009). *Namoro e Violência: um estudo sobre amor, namoro e violência entre jovens de grupos populares e camadas médias*. (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Pernambuco.

Nayak, M. B., Byrne, C. A., Martin, M. K., & Abraham, A. G. (2003). Attitudes toward violence against women: A cross-nation study. *Sex Roles*, 49(7-8), 333-342. 10.1023/A:1025108103617

Oliveira, M. S., & Sani, A. I. (2005). Comportamentos dos jovens universitários face à violência nas relações amorosas. In BD Silva & LS Almeida (Coords), *Atas do VIII Congresso Galaico-Português de Psicopedagogia* (pp. 1061-1074). Retirado a 18 de dezembro de 2013 de <http://www.educacion.udc.es/grupos/gipdae/documentos/congreso/viiiicongreso/pdfs/126.pdf>

Paiva, C., & Figueiredo, B. (2004). Abuso no relacionamento íntimo: Estudo de prevalência em jovens adultos portugueses. *Psychologica*, 36, 75-107.

Paiva, L. (2010). *Violência conjugal: representações sociais e atribuições numa amostra de Estudantes de Psicologia do Mestrado Integrado* (Dissertação de mestrado não publicada). Faculdade de Psicologia

Que Representações Sociais da Violência entre Parceiros Íntimos têm os estudantes de Enfermagem, Medicina e Serviço Social? O papel da formação.  
Cristiana Barcelos Costa (crisbcosta91@gmail.com) 2014

e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal. Retirado a 17 de março de 2014 de <http://hdl.handle.net/10316/15420>

Pestana, M.H., & Gageiro, J.N. (2005). *Análise de dados para ciências sociais: a complementaridade do SPSS*. (4ªEd.). Lisboa: Sílabo.

Straus, A. M. (1999). The controversy over domestic violence by women. In X. Arriaga & Oskamp (Eds). Violence in intimate relationships (pp. 16-40). *The Claremont Symposium on Applied Social Psychology*. Retirado a 13 de julho de 2014 de <http://pubpages.unh.edu/~mas2/CTS21.pdf>

Vicente, L. M., & Vieira, E. M. (2009). O conhecimento sobre a violência de género entre estudantes de medicina e médicos residentes. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 33(1), 63-71. Retirado a 01 de dezembro de 2013, de [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-55022009000100009&lng=en&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022009000100009&lng=en&tlng=pt). 10.1590/S0100-55022009000100009

Vieira, A. (2013). *Representações Sociais da Violência entre Parceiros Íntimos numa amostra de estudantes do ensino superior: o género fará a diferença?* (Dissertação de mestrado não publicada). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal. Retirado a 26 de maio de 2014 de <http://hdl.handle.net/10316/25315>

Wekerle, C., & Wolfe, D. A. (1999). Dating violence in mid-adolescence: Theory, significance and emergence prevention initiatives. *Clinical Psychology Review*, 19, 435–456.

World Health Organization. (2012). *Intimate partner violence*. Recuperado em 21 de outubro de 2014, de [http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/77432/1/WHO\\_RHR\\_12.36\\_eng.pdf](http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/77432/1/WHO_RHR_12.36_eng.pdf)

## Anexos

### Anexo II: Análise da consistência interna

1. Análise da consistência interna: CTS-2 – Perpetração da violência entre parceiros íntimos

#### Alfa de Cronbach

Escala	M (DP)	$\alpha$
Negociação	51.63 (49.642)	0.914
Agressão Psicológica	6.46 (14.438)	0.739
Abuso Físico s/ Sequelas	2.11 (14.729)	0.939
Coerção Sexual	1.67 (9.872)	0.811
Abuso Físico c/ Sequelas	0.86 (7.316)	0.849

2. Análise da consistência interna: CTS-2 – Vitimização da violência entre parceiros íntimos

#### Alfa de Cronbach

Escala	M (DP)	$\alpha$
Negociação	49.96 (49.422)	0.917
Agressão Psicológica	5.08 (12.586)	0.754
Abuso Físico s/ Sequelas	1.76 (13.622)	0.959
Coerção Sexual	1.93 (10.165)	0.789
Abuso Físico c/ Sequelas	0.62 (6.654)	0.932

### 3. Análise da consistência interna: QRVC-HIS

#### Alfa de Cronbach

	M (DP)	$\alpha$
História 1	12.41 (3.314)	0.835
História 2	14.24 (4.565)	0.903
História 3	12.96 (3.826)	0.890
Total Histórias	39.60 (10.710)	0.948

#### Estatísticas Totais dos Itens – História 1

Item	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
1	11.27	9.243	.639	.813
2	11.19	8.931	.586	.815
3	11.29	9.308	.656	.813
4	11.28	9.196	.661	.812
5	11.21	9.034	.645	.811
6	10.70	8.460	.347	.864
7	11.33	9.611	.691	.817
8	10.95	8.391	.483	.832
9	11.20	9.238	.529	.820
10	11.26	9.148	.645	.812

## Estatísticas Totais dos Itens – História 2

Item	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item- Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
1	12.84	17.192	.696	.891
2	12.90	17.177	.705	.890
3	12.94	17.474	.696	.891
4	12.84	17.231	.712	.890
5	12.73	16.973	.567	.900
6	12.82	16.970	.681	.891
7	12.90	17.218	.694	.891
8	12.41	16.076	.582	.903
9	12.93	17.222	.741	.889
10	12.81	17.055	.642	.894

### Estatísticas Totais dos Itens – História 3

---

Item	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item- Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
1	11.54	11.801	.528	.889
2	11.22	11.506	.468	.901
3	11.73	12.139	.661	.878
4	11.79	12.303	.751	.874
5	11.75	12.276	.686	.877
6	11.68	12.007	.652	.878
7	11.72	11.881	.703	.874
8	11.68	11.821	.690	.875
9	11.76	12.157	.696	.876
10	11.75	12.109	.744	.873

---

#### 4. Análise da consistência interna – QVC – CMR

##### Alfa de Cronbach

	$\alpha$
Causas	0.860
Manutenção	0.810
Resolução	0.798

##### Estatísticas Totais dos Itens - Causas

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
1	31.64	39.841	.517	.850
2	31.65	40.517	.484	.852
3	32.43	40.522	.411	.856
4	31.70	39.815	.459	.854
5	32.29	39.341	.485	.852
6	32.57	40.336	.457	.853
7	31.91	39.111	.489	.852
8	32.23	38.445	.600	.845
9	32.39	38.469	.634	.844
10	31.76	38.155	.620	.844
11	31.51	40.238	.458	.853
12	31.85	40.408	.361	.860
13	31.73	39.176	.562	.848
14	31.61	38.744	.632	.844

### Estatísticas Totais dos Itens – Fatores Manutenção

Item	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item- Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
1	40.29	24.693	.412	.800
2	40.44	23.888	.527	.792
3	40.94	23.848	.402	.801
4	40.79	23.710	.378	.803
5	40.72	23.973	.480	.795
6	40.79	23.530	.479	.794
7	40.72	24.035	.472	.795
8	40.54	23.493	.528	.791
9	40.79	22.998	.533	.790
10	40.93	24.023	.366	.804
11	40.39	24.290	.466	.796
12	40.52	24.109	.477	.795
13	41.12	23.898	.328	.809
14	41.19	24.361	.321	.807

### Estatísticas Totais dos Itens – Fatores Resolução

Item	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
1	41.96	23.703	.397	.787
2	41.99	23.660	.366	.790
3	41.62	24.422	.396	.789
4	42.29	23.939	.296	.796
5	41.61	24.123	.461	.785
6	42.24	22.505	.416	.786
7	41.96	22.799	.534	.777
8	42.32	23.154	.318	.796
9	41.75	23.340	.534	.779
10	42.35	21.806	.535	.775
11	42.44	22.042	.488	.779
12	42.46	22.531	.447	.783
13	42.51	22.936	.398	.788
14	41.73	24.171	.381	.789

### Anexo III: Resultados

#### 1. Influência do ano escolar nas crenças em torno da violência conjugal (QRVC – HIS)

##### Teste t-Student (Variável Independente: ano escolar)

t-test for Equality of Means							
	t	df	Sig. (2- tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
						Lower	Upper
Total	.064	184	.949	.029	.458	-.875	.933
História 1							
Total	.707	184	.481	.484	.684	-.867	1.834
História 2							
Total	.812	184	.418	.439	.541	-.629	1.507
História 3							
Total	.622	184	.535	.952	1.532	-2.069	3.974
Histórias							

2. Influência da formação acerca da violência entre parceiros íntimos nas crenças em torno da violência conjugal (QRVC-HIS)

Teste t-Student (Variável Independente: formação)

t-test for Equality of Means							
	T	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
						Lower	Upper
Total História 1	2.173	153.783	.031	.820	.377	.075	1.566
Total História 2	2.862	144.549	.005	1.526	.533	.472	2.580
Total História 3	1.823	144.147	.070	.821	.450	-.069	1.711
Total Histórias	2.505	142.264	.013	3.167	1.264	.668	5.667

Group Statistics						
Alguma vez teve algum tipo de formação sobre violência nas relações íntimas		N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean	
Total História 1	Não	242	12.60	3.487	.224	
	Sim	71	11.77	2.559	.304	
Total História 2	Não	242	14.58	4.743	.305	
	Sim	71	13.06	3.687	.438	
Total História 3	Não	242	13.14	3.997	.257	
	Sim	71	12.32	3.116	.370	
Total Histórias	Não	242	40.32	11.127	.715	
	Sim	71	37.15	8.784	1.042	

3. Influência da perpetração de violência nas relações íntimas nas crenças em torno da violência conjugal (CTS-2 e QRVC-HIS)

Teste t-Student (Variável Independente: perpetração)

H1	t-test for Equality of Means						
	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
						Lower	Upper
1	.515	205	.607	.036	.071	-.103	.176
2	-1.563	117.017	.121	-.109	.070	-.247	.029
3	-.625	205	.533	-.046	.073	-.191	.099
4	-.294	205	.769	-.021	.073	-.165	.122
5	.231	205	.818	.019	.081	-.141	.178
6	-.255	205	.799	-.038	.148	-.330	.255
7	-.534	205	.594	-.032	.060	-.149	.086
8	.428	205	.669	.052	.122	-.188	.292
9	-.067	205	.947	-.006	.088	-.179	.167
10	-2.835	161.159	.005	-.139	.049	-.235	-.042

Estatísticas dos Grupos

		N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
1	Não Perpetradores	44	1.16	.428	.065
	Perpetradores	163	1.12	.412	.032
2	Não Perpetradores	44	1.14	.347	.052
	Perpetradores	163	1.25	.589	.046
3	Não Perpetradores	44	1.11	.321	.048
	Perpetradores	163	1.16	.457	.036
4	Não Perpetradores	44	1.11	.387	.058
	Perpetradores	163	1.13	.438	.034
5	Não Perpetradores	44	1.23	.476	.072
	Perpetradores	163	1.21	.477	.037
6	Não Perpetradores	44	1.70	.954	.144
	Perpetradores	163	1.74	.850	.067
7	Não Perpetradores	44	1.09	.291	.044
	Perpetradores	163	1.12	.365	.029
8	Não Perpetradores	44	1.50	.821	.124
	Perpetradores	163	1.45	.686	.054
9	Não Perpetradores	44	1.23	.565	.085
	Perpetradores	163	1.23	.504	.039
10	Não Perpetradores	44	1.05	.211	.032
	Perpetradores	163	1.18	.475	.037

Que Representações Sociais da Violência entre Parceiros Íntimos têm os estudantes de Enfermagem, Medicina e Serviço Social? O papel da formação.  
Cristiana Barcelos Costa (crisbcosta91@gmail.com) 2014

Teste t-Student (Variável Independente: perpetração)

H2	t-test for Equality of Means					95% Confidence	
	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	Interval of the Difference	
						Lower	Upper
1	-.346	205	.730	-.033	.096	-.223	.157
2	-.503	205	.615	-.046	.092	-.228	.135
3	-.353	205	.725	-.032	.091	-.212	.148
4	-1.379	84.402	.171	-.117	.085	-.287	.052
5	-1.351	92.949	.180	-.135	.100	-.334	.064
6	-1.683	82.106	.096	-.151	.089	-.329	.027
7	-.247	205	.805	-.024	.095	-.212	.164
8	-2.450	205	.015	-.347	.141	-.626	-.068
9	-.868	205	.387	-.081	.094	-.266	.103
10	-1.309	86.830	.194	-.124	.094	-.311	.064

Estatísticas dos Grupos

		N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
1	Não Perpetradores	44	1.34	.526	.079
	Perpetradores	163	1.37	.578	.045
2	Não Perpetradores	44	1.27	.499	.075
	Perpetradores	163	1.32	.552	.043
3	Não Perpetradores	44	1.25	.488	.074
	Perpetradores	163	1.28	.550	.043
4	Não Perpetradores	44	1.32	.471	.071
	Perpetradores	163	1.44	.599	.047
5	Não Perpetradores	44	1.39	.538	.081
	Perpetradores	163	1.52	.748	.059
6	Não Perpetradores	44	1.27	.499	.075
	Perpetradores	163	1.42	.618	.048
7	Não Perpetradores	44	1.30	.553	.083
	Perpetradores	163	1.32	.563	.044
8	Não Perpetradores	44	1.50	.792	.119
	Perpetradores	163	1.85	.843	.066
9	Não Perpetradores	44	1.25	.488	.074
	Perpetradores	163	1.33	.567	.044
10	Não Perpetradores	44	1.32	.518	.078
	Perpetradores	163	1.44	.677	.053

### Teste t-Student (Variável Independente: perpetração)

t-test for Equality of Means							
	t	Df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
						Lower	Upper
H3							
1	-1.869	86.666	.065	-.191	.102	-.394	.012
2	-1.989	205	.048	-.270	.136	-.539	-.002
3	-2.065	107.314	.041	-.140	.068	-.274	-.006
4	-.886	205	.377	-.066	.075	-.213	.081
5	.027	205	.978	.002	.076	-.149	.153
6	-2.754	111.435	.007	-.189	.069	-.325	-.053
7	-.081	205	.935	-.008	.094	-.194	.179
8	.072	205	.942	.007	.098	-.187	.201
9	.406	205	.685	.035	.087	-.136	.207
10	.202	205	.840	.017	.083	-.148	.181

### Estatísticas dos Grupos

		N	Mean	Std. Deviation	Std. Error
					Mean
1	Não Perpetradores	44	1.32	.561	.085
	Perpetradores	163	1.51	.732	.057
2	Não Perpetradores	44	1.55	.697	.105
	Perpetradores	163	1.82	.826	.065
3	Não Perpetradores	44	1.14	.347	.052
	Perpetradores	163	1.28	.548	.043
4	Não Perpetradores	44	1.14	.347	.052
	Perpetradores	163	1.20	.460	.036
5	Não Perpetradores	44	1.20	.408	.062
	Perpetradores	163	1.20	.460	.036
6	Não Perpetradores	44	1.14	.347	.052
	Perpetradores	163	1.33	.565	.044
7	Não Perpetradores	44	1.25	.438	.066
	Perpetradores	163	1.26	.584	.046
8	Não Perpetradores	44	1.30	.509	.077
	Perpetradores	163	1.29	.595	.047
9	Não Perpetradores	44	1.25	.576	.087
	Perpetradores	163	1.21	.494	.039
10	Não Perpetradores	44	1.25	.488	.074
	Perpetradores	163	1.23	.492	.039

4. Influência da vitimização nas relações íntimas nas crenças em torno da violência conjugal (CTS-2 e QRVC-HIS)

Teste t-Student (Variável Independente: vitimização)

t-test for Equality of Means							
H1	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
						Lower	Upper
1	.692	205	.490	.045	.065	-.084	.174
2	-1.529	161.439	.128	-.105	.068	-.240	.030
3	-.815	205	.416	-.055	.068	-.189	.079
4	-.432	205	.666	-.029	.067	-.162	.104
5	.102	205	.919	.008	.075	-.140	.156
6	-1.154	205	.250	-.158	.137	-.428	.112
7	-.169	205	.866	-.009	.055	-.118	.099
8	.606	205	.545	.068	.113	-.154	.291
9	-.229	205	.819	-.019	.081	-.179	.142
10	-2.725	191.155	.007	-.136	.050	-.235	-.038

Estatísticas dos Grupos

		N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
1	Não Vítimas	55	1.16	.420	.057
	Vítimas	152	1.12	.414	.034
2	Não Vítimas	55	1.15	.356	.048
	Vítimas	152	1.25	.601	.049
3	Não Vítimas	55	1.11	.315	.042
	Vítimas	152	1.16	.467	.038
4	Não Vítimas	55	1.11	.369	.050
	Vítimas	152	1.14	.446	.036
5	Não Vítimas	55	1.22	.459	.062
	Vítimas	152	1.21	.483	.039
6	Não Vítimas	55	1.62	.871	.117
	Vítimas	152	1.78	.870	.071
7	Não Vítimas	55	1.11	.315	.042
	Vítimas	152	1.12	.363	.029
8	Não Vítimas	55	1.51	.858	.116
	Vítimas	152	1.44	.658	.053
9	Não Vítimas	55	1.22	.534	.072
	Vítimas	152	1.24	.511	.041
10	Não Vítimas	55	1.05	.229	.031
	Vítimas	152	1.19	.485	.039

Teste t-Student (Variável Independente: vitimização)

H2	t-test for Equality of Means					95% Confidence	
	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	Interval of the Difference	
						Lower	Upper
1	-.887	205	.376	-.079	.089	-.255	.097
2	-.874	205	.383	-.074	.085	-.242	.093
3	-.042	205	.966	-.004	.085	-.170	.163
4	-1.732	123.780	.086	-.138	.080	-.296	.020
5	-.465	205	.642	-.052	.112	-.273	.169
6	-1.940	121.923	.055	-.161	.083	-.326	.003
7	-.356	205	.722	-.031	.088	-.206	.143
8	-2.556	205	.011	-.335	.131	-.593	-.077
9	-.647	205	.518	-.056	.087	-.227	.115
10	-.206	205	.837	-.021	.102	-.222	.180

Estatísticas dos Grupos

	Vítimas	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
1	Não Vítimas	55	1.31	.505	.068
	Vítimas	152	1.39	.587	.048
2	Não Vítimas	55	1.25	.480	.065
	Vítimas	152	1.33	.561	.046
3	Não Vítimas	55	1.27	.489	.066
	Vítimas	152	1.28	.554	.045
4	Não Vítimas	55	1.31	.466	.063
	Vítimas	152	1.45	.607	.049
5	Não Vítimas	55	1.45	.662	.089
	Vítimas	152	1.51	.728	.059
6	Não Vítimas	55	1.27	.489	.066
	Vítimas	152	1.43	.627	.051
7	Não Vítimas	55	1.29	.567	.076
	Vítimas	152	1.32	.559	.045
8	Não Vítimas	55	1.53	.766	.103
	Vítimas	152	1.86	.854	.069
9	Não Vítimas	55	1.27	.489	.066
	Vítimas	152	1.33	.573	.046
10	Não Vítimas	55	1.40	.627	.084
	Vítimas	152	1.42	.656	.053

Teste t-Student (Variável Independente: vitimização)

t-test for Equality of Means							
H3	t	df	Sig. (2-tailed)	Mean Difference	Std. Error Difference	95% Confidence Interval of the Difference	
						Lower	Upper
1	-.845	205	.399	-.093	.111	-.311	.125
2	-.920	205	.359	-.117	.127	-.367	.133
3	-.780	205	.436	-.063	.081	-.223	.096
4	-.130	205	.897	-.009	.069	-.145	.127
5	-.056	205	.956	-.004	.071	-.143	.136
6	-2.413	147.030	.017	-.165	.069	-.301	-.030
7	.543	205	.588	.047	.087	-.125	.220
8	.833	205	.406	.076	.091	-.103	.255
9	.855	205	.394	.069	.080	-.090	.227
10	.314	205	.754	.024	.077	-.128	.177

Estatísticas dos Grupos

		N	Mean	Std. Deviation	Std. Error Mean
1	Não Vítimas	55	1.40	.596	.080
	Vítimas	152	1.49	.737	.060
2	Não Vítimas	55	1.67	.747	.101
	Vítimas	152	1.79	.827	.067
3	Não Vítimas	55	1.20	.447	.060
	Vítimas	152	1.26	.537	.044
4	Não Vítimas	55	1.18	.389	.052
	Vítimas	152	1.19	.456	.037
5	Não Vítimas	55	1.20	.404	.054
	Vítimas	152	1.20	.465	.038
6	Não Vítimas	55	1.16	.373	.050
	Vítimas	152	1.33	.573	.046
7	Não Vítimas	55	1.29	.567	.076
	Vítimas	152	1.24	.552	.045
8	Não Vítimas	55	1.35	.615	.083
	Vítimas	152	1.27	.563	.046
9	Não Vítimas	55	1.27	.560	.075
	Vítimas	152	1.20	.493	.040
10	Não Vítimas	55	1.25	.480	.065
	Vítimas	152	1.23	.495	.040

5. Influência da área de estudo nas representações sociais da violência entre parceiros íntimos

One-Way Anova Curso/QRVC-HIS

	df	F	Sig.
Total História 1	2	.498	.608
Total História 2	2	4.587	.011
Total História 3	2	1.084	.339
Total Histórias	2	2.175	.115

Post Hoc Test – Curso/QRVC-HIS

Comparações Múltiplas

Bonferroni

Dependent Variable	(I) Curso Categoria	(J) Curso Categoria	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig.	95% Confidence Interval	
						Lower Bound	Upper Bound
Total História 2	Medicina	Enfermagem	1.336	.766	.246	-.51	3.18
		Serviço	-.682	.613	.802	-2.16	.79
		Social					
	Enfermagem	Medicina	-1.336	.766	.246	-3.18	.51
		Serviço	-2.018*	.669	.008	-3.63	-.41
		Social					
	Serviço	Medicina	.682	.613	.802	-.79	2.16
		Social					
	Social	Enfermagem	2.018*	.669	.008	.41	3.63

\*. The mean difference is significant at the 0.05 level.

6. Influência da história de violência familiar na infância e adolescência/QRVC-HIS

One-Way Anova Violência Física Pais/QRVC-HIS

	df	F	Sig.
Total História 1	2	1.548	.214
Total História 2	2	3.627	.028
Total História 3	2	3.486	.032
Total Histórias	2	3.415	.034

Post Hoc Test – Violência Física Pais/QRVC-HIS

Comparações Múltiplas

Bonferroni							
Dependent Variable	(I) Abusos físicos durante infância e adolescência entre pais/cuidadores	(J) Abusos físicos durante infância e adolescência entre pais/cuidadores	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig.	95% Confidence Interval	
						Lower Bound	Upper Bound
Total História 2	Não	Sim. mas raramente	-1.278	.870	.429	-3.37	.82
		Sim. com grande frequência	3.007	1.391	.094	-.34	6.36
	Sim. mas raramente	Não	1.278	.870	.429	-.82	3.37
		Sim. com grande frequência	4.285*	1.594	.023	.45	8.12
	Sim. com grande frequência	Não	-3.007	1.391	.094	-6.36	.34
		Sim. mas raramente	-4.285*	1.594	.023	-8.12	-.45
Total História 3	Não	Sim. mas raramente	-1.396	.732	.173	-3.16	.37
		Sim. com grande frequência	1.995	1.171	.268	-.82	4.81
	Sim. mas raramente	Não	1.396	.732	.173	-.37	3.16
		Sim. com grande frequência	3.391*	1.341	.036	.16	6.62
	Sim. com grande frequência	Não	-1.995	1.171	.268	-4.81	.82
		Sim. mas raramente	-3.391*	1.341	.036	-6.62	-.16
Total Histórias	Não	Sim. mas raramente	-3.230	2.051	.349	-8.17	1.71
		Sim. com grande frequência	6.504	3.279	.145	-1.39	14.40
	Sim. mas raramente	Não	3.230	2.051	.349	-1.71	8.17
		Sim. com grande frequência	9.733*	3.757	.030	.69	18.78
	Sim. com grande frequência	Não	-6.504	3.279	.145	-14.40	1.39
		Sim. mas raramente	-9.733*	3.757	.030	-18.78	-.69

\*. The mean difference is significant at the 0.05 level.

### One-Way Anova Violência Verbal Pais/QRVC-HIS

	df	F	Sig.
Total História 1	2	1.171	.311
Total História 2	2	1.283	.279
Total História 3	2	2.092	.125
Total Histórias	2	1.736	.178

### One-Way Anova Castigos Físicos/QRVC-HIS

	df	F	Sig.
Total História 1	4	.575	.681
Total História 2	4	1.051	.381
Total História 3	4	.884	.474
Total Histórias	4	.912	.457

### One-Way Anova Violência Verbal/QRVC-HIS

	df	F	Sig.
Total História 1	2	1.555	.213
Total História 2	2	.199	.820
Total História 3	2	.381	.684
Total Histórias	2	.579	.561

### One-Way Anova Violência Sexual/QRVC-HIS

	df	F	Sig.
Total História 1	1	.304	.582
Total História 2	1	.363	.548
Total História 3	1	.222	.638
Total Histórias	1	.064	.800